

Correspondência Verbal na Atuação Profissional de Terapeutas Iniciantes: Efeitos do Tipo de Pergunta

Emille Mendes de Souza da Silva

RA: 21503474

Brasília/DF
Dezembro de 2019

Emille Mendes de Souza da Silva

RA: 21503474

Correspondência Verbal na Atuação Profissional de Terapeutas Iniciais: Efeitos do Tipo de Pergunta

Monografia apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília como requisito básico para a obtenção de grau de Psicólogo pela Faculdade da Educação e Saúde (FACES).

Professor-Orientador: Dr. Carlos Augusto de Medeiros

Brasília/DF
Dezembro de 2019



Folha de Avaliação

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Dr. Carlos Augusto de Medeiros
Orientador

MSc. Patrícia de Matos Demoly
Examinador

MSc. Renata Souza Vale
Examinador

A menção final obtida foi:

Brasília/DF

Dezembro de 2019

Agradecimentos

Após cinco árduos anos de muita luta e dedicação em minha formação cheguei ao tão sonhado título de Psicóloga. Com ele, carrego apenas gratidão por todas as experiências que vivi e por todas as pessoas que fizeram parte dessa história comigo. Hoje, em poucas palavras, venho expressar um pouco do que sinto.

Agradeço primeiramente à Deus, que com seu infinito amor e cuidado, sempre me conduziu para lugares altos, me permitindo viver e conquistar coisas que jamais imaginei. Somente por meio Dele cheguei até aqui, sem nunca ter me faltado nada. Em todos os momentos em que fraquejei, Ele foi a minha força. Em todos os momentos em que pensei em desistir, Ele me ajudou a prosseguir. Em todos os momentos em que chorei desesperadamente, Ele secou as minhas lágrimas e me trouxe à memória aquilo que trazia esperança. Por isso, sou infinitamente grata a Deus pelo privilégio de ter “combatido o bom combate, completado a carreira e guardado a fé (2 Timóteo 4:7)”.

Ao meu marido, Jonathan, que esteve comigo em cada uma das dificuldades e das conquistas desses cinco anos. Meu amor, obrigada por cada noite mal dormida, por toda atenção que você me deu, por todas as vezes em que fiz você ler meus textos pacientemente, por todas as noites em que me buscou de metrô/ônibus às 00:30hrs e, por nunca ter deixado que a faculdade me impedisse de viver a vida além dela. Te amo infinitamente.

À minha gestora, Cláudia Pedrosa, por apostar tanto no meu potencial e me desenvolver dia após dia. Sua vida é um presente pra mim e para minha família. Obrigada por sempre ver em mim aquilo que eu não via e por investir tanto tempo em me qualificar. Obrigada por, além de chefe, ser tão parceira, por sempre permitir que eu conseguisse enfrentar meus medos e barreiras e por despertar a minha paixão pela área Organizacional.

Ao meu orientador, Carlos Augusto, por sempre reforçar o meu comportamento. Através de você eu me apaixonei pela Análise do Comportamento. Através de você eu me

apaixonei pela Psicologia Comportamental Pragmática. Através de você eu descobri que eu podia ser muito mais do que eu demonstrava, porque você enxergava isso em mim. Através de você, tive minhas maiores experiências em falar em público e a segurança no falar, porque você me passava essa segurança. Através de você, finalizo esse curso tranquila, pois sei que fui orientada e supervisionada pela melhor pessoa. Guto, foi um prazer trabalhar contigo.

À minha avó, que mesmo não tendo conhecimento sobre o que eu fazia, nunca deixou de perguntar e de se interessar por cada pequeno passo que eu dei. Sempre chorava e se emocionava a cada pequena conquista que eu tive. Obrigada por suas orações e preocupações e por cuidar tão bem de mim durante todos esses anos. Palavras jamais expressariam o meu amor e gratidão pelo seu incentivo.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus pais, a quem eu dedico esse trabalho. O meu diploma é de vocês. Se hoje eu sou quem sou, é pelo exemplo que sempre vi em casa. Se conquistei tudo que conquistei, é porque vocês nunca duvidaram da minha capacidade. Obrigada pelo investimento, por financiarem o meu sonho, por abrirem mão de muita coisa para que eu pudesse alcançar aquilo que vocês não alcançaram. Espero orgulhá-los sempre e fazer jus à criação que eu recebi. Apenas gratidão.

Sumário

| | |
|--|------|
| Lista de Figuras..... | viii |
| Lista de Tabelas | ix |
| Resumo | x |
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1. Comportamento Verbal | 5 |
| Capítulo 2. Correspondência Verbal | 8 |
| Capítulo 3. Pergunta fechada, Pergunta aberta, Regras e Pergunta “por que” | 10 |
| Capítulo 4. Estudos em Correspondência Verbal | 12 |
| Capítulo 5. Justificativa e Objetivos | 25 |
| Capítulo 6. Método | 27 |
| 6.1. Participantes | 27 |
| 6.2. Local | 27 |
| 6.3. Materiais e Equipamentos | 27 |
| 6.4. Procedimento..... | 28 |
| Capítulo 7. Resultados | 32 |
| Capítulo 78. Discussão..... | 36 |
| Capítulo 9. Conclusão | 44 |
| Referências | 46 |
| Anexos | 50 |
| Anexo A- Parecer Consubstanciado do CEP | 51 |
| Anexo B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Terapeutas) | 56 |

| | |
|---|----|
| Anexo C- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Clientes)..... | 58 |
| Anexo D- Simulação de Atendimento Clínico | 60 |

Lista de Figuras

- Figura 1-** Porcentagem de correspondência verbal do P1 quanto às categorias em cada uma das condições experimentais. O “*” representa a ausência da categoria, ou seja, os momentos em que a categoria não pôde ser investigada pois ela não apareceu durante as sessões..... **30**
- Figura 2 -** Porcentagem de correspondência verbal do P2 quanto às categorias em cada uma das condições experimentais. O “*” representa a ausência da categoria, ou seja, os momentos em que a categoria não pôde ser investigada pois ela não apareceu durante as sessões..... **31**

Lista de Tabelas

| | |
|--|-----------|
| Tabela 1 - Ordem do tipo de pergunta por categoria nas quatro sessões de entrevista com o terapeuta..... | 29 |
| Tabela 2 - Frequência de distorções dos relatos dos participantes em dois tipos distintos de análise..... | 32 |

Resumo

A correspondência verbal tem sido uma grande área de investigação dentro da Análise do Comportamento. Sendo assim, o presente estudo tem como objetivo investigar a correspondência verbal de relatos de terapeutas iniciantes em seu contexto de trabalho, que aqui se refere à clínica, a depender do tipo de pergunta: aberta ou fechada. O estudo foi realizado com dois participantes de 22 e 26 anos, estudantes de Psicologia do 9º e 10º semestres e estagiários na clínica-escola de uma faculdade particular, participantes da atividade de estágio de Terapia Analítico-Comportamental de adultos. O estudo contou com quatro dias de experimento para cada participante, sendo dois dias para cada uma das condições experimentais: pergunta aberta e pergunta fechada. Além disso, foram selecionadas quatro categorias de análise: regra, pergunta fechada, pergunta aberta e pergunta “por que”. A coleta de dados aconteceu com base nas gravações dos áudios de quatro sessões de psicoterapia de cada participante e quatro entrevistas posteriores com os participantes para o relato dos comportamentos e análise da correspondência entre o comportamento observado e o comportamento relatado. Os resultados mostram que os participantes apresentaram mais relatos distorcidos na condição de pergunta aberta do que na condição de pergunta fechada. O objetivo de pesquisa foi atingido, mas a hipótese inicial não foi confirmada. Sugere-se que para novos estudos sejam feitas as adaptações metodológicas necessárias.

Palavras-chave: correspondência verbal, comportamento verbal, pergunta aberta, pergunta fechada, supervisão e Terapia Analítico Comportamental.

A correspondência verbal ou a falta dela encontram-se presentes nas diversas relações humanas e nos diversos contextos, sejam eles contextos sociais ou contextos profissionais, como as relações de trabalho, por exemplo. Com relação ao contexto de trabalho, ou seja, ao contexto organizacional, Chiavenato (2014) afirma que esse é o ambiente em que as pessoas passam a maior parte do seu tempo. Sendo assim, é necessário compreender como as pessoas interagem e se comportam no trabalho. Independente de qual seja a profissão ou a área de atuação escolhida para ser seguida, a maioria delas será desenvolvida dentro de uma organização (Chiavenato, 2014).

Por organização entende-se uma “entidade social composta de pessoas e recursos, deliberadamente estruturada e orientada para alcançar um objetivo comum” (Chiavenato, 2014, p.24). Tomando como base a profissão do Psicólogo, esse profissional tem uma extensa variação de contextos em que poderá atuar - escolas, hospitais, clínicas, empresas, ONGs, etc. Visto que todos esses contextos, citados como exemplos, envolvem recursos e pessoas, trabalhando para um mesmo objetivo, entende-se que todos os campos de inserção profissional da psicologia configuram-se em uma organização.

Em relação ao contexto clínico, a correspondência verbal é necessária não apenas enquanto um ambiente terapêutico, mas também enquanto um contexto organizacional e profissional. Ou seja, é necessário que haja correspondência verbal não somente entre o comportamento verbal e o não verbal do cliente, mas, principalmente, entre o comportamento do terapeuta que se configura enquanto um profissional que responde a um código de ética, devendo prestar um serviço com qualidade e em consonância com os valores da organização à qual atua.

Dessa forma, ressalta-se a importância da supervisão para estudantes e recém-formados em psicologia. Segundo Vandenberghe (1999), a supervisão é definida como o momento em que o supervisor tem a possibilidade de modificar o comportamento do seu

supervisionado para que esse comportamento se mantenha em outros contextos. A importância da correspondência verbal na supervisão para iniciantes também se dá no fato de que a melhor categorização dos instrumentos utilizados e dos comportamentos emitidos pelo terapeuta podem facilitar a identificação das variáveis responsáveis pelo processo de mudança dos comportamentos do cliente em terapia (Zamignani & Meyer, 2007).

Destaca-se ainda que o autoconhecimento do terapeuta acerca daquilo que ele fez, faz ou fará na sessão terapêutica é de extrema relevância para o crescimento da Psicologia como ciência e profissão (Kazdin & Nock, 2003). Essa relevância ocorre, também, visto que a maioria das pesquisas sobre correspondência verbal foram feitas em contextos de pesquisa básica e laboratoriais quando comparadas com as pesquisas de correspondência verbal aplicadas e em contextos naturais (Ricci & Pereira, 2006; Leme & Pereira, 2012; Ramalho & Pedroso, 2014), como é o caso da clínica (Oliveira, 2008). Além disso, na área de correspondência verbal, algumas pesquisas têm sido realizadas comparando o efeito de perguntas fechadas e perguntas abertas para investigação da correspondência verbal num contexto de pesquisa básica. Em vista disso, o presente estudo busca contribuir para novos conhecimentos na linha de pesquisa sobre correspondência verbal, bem como disseminar esse conhecimento não apenas entre psicólogos, mas, para todos, visto que em algum momento da vida todos se utilizam de interações verbais para se relacionarem.

Sendo assim, o objetivo geral desse estudo é verificar se o tipo de pergunta (aberta ou fechada) influencia na correspondência verbal de relatos de terapeutas iniciantes em estágio de Terapia Analítico Comportamental de adultos investigando seus comportamentos que ocorrem dentro das sessões de terapia. A checagem da correspondência verbal será realizada por meio das gravações das sessões de terapia que, posteriormente, serão comparadas com o relato dos terapeutas em entrevista. Como objetivos específicos, a pesquisa busca: identificar a influência de cada tipo de pergunta, aberta e fechada, na correspondência verbal; ampliar o

âmbito de estudo de correspondência verbal para contextos de pesquisa aplicada e observar a correspondência verbal de terapeutas enquanto profissionais em seu ambiente de trabalho.

Essa pesquisa foi dividida em nove capítulos, sendo eles, respectivamente: comportamento verbal, correspondência verbal, pergunta fechada, pergunta aberta, regras e pergunta “por que”, estudos em correspondência verbal, justificativa e objetivos, método, resultados, discussão e conclusão.

O capítulo de comportamento verbal trás a definição de comportamento, sendo dividido em comportamento verbal e comportamento não verbal, a definição de comunidade verbal, função de ouvinte e de falante bem como exemplos de como o ambiente modifica o indivíduo e o indivíduo é por ele modificado. O capítulo de correspondência verbal aborda a definição de correspondência verbal bem como suas três cadeias de relação: dizer-fazer, fazer-dizer e dizer-fazer-dizer. Além disso, trás a definição de distorções na Análise do Comportamento. O capítulo de pergunta fechada, pergunta aberta, regras e pergunta “por que” trás a definição dessas quatro categorias, escolhidas para a análise da correspondência verbal no estudo. O capítulo de estudos em correspondência verbal aborda alguns estudos correlatos já realizados na área de correspondência verbal, sendo alguns deles em contexto de pesquisa básica e outros em contexto de pesquisa aplicada. No capítulo de justificativa e objetivos, é dado o embasamento para o presente estudo bem como o objetivo geral e os objetivos específicos do mesmo. No método, é explicitado a forma como o estudo se deu, com os participantes escolhidos, local de aplicação, materiais e equipamentos utilizados e o procedimento detalhado de coleta e análise dos dados. Os resultados demonstram os dados coletados durante a pesquisa bem como a relação entre os dados dos participantes. Na discussão, os dados são embasados e justificados teoricamente, visando relacionar e discutir as variáveis presentes no estudo de forma a confirmar ou não a hipótese inicial de pesquisa.

Por fim, na conclusão, é feito um desfecho sobre a hipótese, objetivo e resultados da pesquisa, bem como algumas considerações finais para pesquisas futuras.

Capítulo 1. Comportamento Verbal

O comportamento humano, entendido como toda e qualquer interação entre um organismo e o seu meio, é o objeto de estudo da Psicologia na perspectiva da Análise do Comportamento, em que Skinner (1957/1978), em suas obras, afirmava que as pessoas são modificadoras do seu meio e são também por ele modificadas. Um exemplo simples, como apertar o botão de ligar no controle remoto (comportamento), produz a consequência de que a televisão ligue, ou seja, causa uma mudança direta no ambiente independentemente da intervenção de outras pessoas quando ocorre. Além disso, causa uma modificação no comportamento do indivíduo que, se reforçado, tende a manter o mesmo padrão comportamental futuramente quando desejar ligar a televisão. As mudanças no ambiente também podem decorrer de ações de outro indivíduo. Por exemplo, ao invés de apertar o botão do controle remoto, pedir a alguém que ligue a televisão. De ambas as formas, ao final, a mesma consequência é produzida, isto é, a televisão ser ligada. Dessa forma, ao se comportar, o indivíduo produz estímulos no ambiente que podem afetar o comportamento dos outros indivíduos ao seu redor (Skinner, 1957/1978).

Além disso, o indivíduo é afetado pela consequência dessa mudança no ambiente, que pode fortalecer ou enfraquecer a ocorrência desse mesmo comportamento no futuro (Skinner, 1974/2006). Dessa forma, caso, ao solicitar a alguém que ligue a televisão, e o mesmo o fizer, é provável que futuramente o indivíduo emita o mesmo comportamento para assistir televisão. Entretanto, caso, ao solicitar a alguém que ligue a televisão, e o mesmo não o fizer, é provável esse comportamento seja menos provável no futuro, o que provavelmente vai variar as tentativas do indivíduo, como por exemplo, solicitar a outra pessoa, ou, ele mesmo ligar a televisão.

Sendo assim, para a Análise do Comportamento, tudo o que os humanos fazem é visto como comportamento, podendo ser o comportamento privado ou público; verbal ou não

verbal (Skinner, 1957/1978). O comportamento privado é aquele que não pode ser observado diretamente, sendo acessado apenas por meio do relato do próprio indivíduo. Ou seja, são os comportamentos em que apenas a pessoa que os emite tem acesso (Baum, 2006). No senso comum, aquilo que é denominado de pensamentos e sentimentos, provavelmente, na Análise do Comportamento, seria o chamado comportamento privado. O comportamento público é aquele que é passível de observação e que pode ser relatado por mais de uma pessoa (Baum, 2006).

O comportamento verbal é entendido como sendo um dos tipos de comportamento operante que necessita da presença de um ouvinte para ser reforçado. Ou seja, seria a relação estabelecida entre um falante e um ouvinte de uma mesma comunidade verbal, em que o ouvinte teria condições de reforçar os comportamentos emitidos pelo falante (Skinner, 1957/1978). Esse reforço acontece devido ao treino da comunidade verbal, de modo que os estímulos verbais produzidos pela resposta do falante exercem controle discriminativo sobre o comportamento do ouvinte. Exemplo desse reforço é quando um falante emite um comportamento verbal para um ouvinte “Abra a porta por favor”. Para o ouvinte, essa frase funciona como um estímulo verbal que exercerá controle sobre o seu comportamento caso ele de fato abra a porta. Esse comportamento do ouvinte de abrir a porta reforça o comportamento verbal do falante de solicitar a abertura da porta no futuro.

Por comunidade verbal, entende-se um “grupo de pessoas que possuem treino semelhante na emissão de comportamentos verbais (Teixeira Júnior, Souza & Dias, 2005, p. 4)”. A partir da definição de comportamento verbal, entende-se que o comportamento não verbal é todo comportamento operante que não necessita da presença de outro indivíduo para ser reforçado, pois produzem consequências diretas no ambiente (Baum, 2006).

Feita essa diferenciação, dentro do comportamento verbal, Skinner (1957/1978) define a função de falante como sendo exercida pelo indivíduo que emite uma resposta verbal

e que pode produzir modificações no comportamento de outros indivíduos. A função de ouvinte é exercida pelo indivíduo que provê reforço para as respostas verbais do falante e, a presença de um ouvinte é necessária para que um comportamento verbal ocorra e possa ser mantido. A função de ouvinte não necessariamente precisa ser exercida por um outro indivíduo, podendo ser executada pelo próprio falante que emitiu o comportamento verbal, desde que as duas funções sejam exercidas por ele próprio (Skinner, 1957/1978).

De acordo com Catania (1999), a comunidade verbal estabelece contingências para que a interação entre ouvinte e falante ocorra. Dessa forma, tanto o ouvinte quanto o falante devem ter sido inseridos em uma mesma comunidade verbal. Ou seja, terem sido submetidos a contingências verbais semelhantes ao longo de sua história e terem sido treinados nos papéis de ouvinte e de falante por esta comunidade verbal (Skinner, 1974/2006).

Capítulo 2. Correspondência Verbal

Dentro das temáticas do comportamento verbal, tido como uma grande área de temas de investigação em Análise Experimental do Comportamento, tem-se estudado a correspondência verbal, ou seja, se aquilo que o indivíduo relata acerca do que fez ou fará condiz com aquilo que ele, de fato, faz (Wechsler & Amaral, 2009). A correspondência verbal tem sido compreendida a partir de três cadeias de relação entre o comportamento verbal e o outro comportamento do próprio falante: dizer-fazer, fazer-dizer e dizer-fazer-dizer (Coelho, Wechsler & Amaral, 2008).

Na correspondência dizer-fazer, é investigado se o indivíduo realmente fez aquilo que ele verbalizou anteriormente que faria (Medeiros & Medeiros, 2016). Um exemplo dessa cadeia de correspondência seria o marido falar para sua esposa que comprará os pães assim que sair do trabalho. Caso o marido compre os pães como foi dito, afirma-se que houve correspondência dizer-fazer, mas, caso ele deixe para comprar os pães em outro horário, conclui-se que não houve correspondência dizer-fazer.

Na correspondência fazer-dizer, é analisado se o indivíduo relatou com acurácia o comportamento emitido previamente (Medeiros & Medeiros, 2016). Utilizando-se do mesmo exemplo acima, se o marido relata que comprou os pães no período da noite após assistir ao jogo de futebol, tendo ele realmente comprado os pães nesse momento, observa-se que houve correspondência fazer-dizer. Mas, caso ele relate para sua esposa que comprou os pães imediatamente ao sair do trabalho e não o tendo feito, observa-se que não houve correspondência fazer-dizer.

Por fim, na cadeia dizer-fazer-dizer, é investigado se quando o indivíduo relata que se comportará de determinada forma, se ele se comporta ou não da maneira dita e, ainda, se ele descreve com precisão ou não o seu comportamento emitido (Medeiros & Medeiros, 2016). Ainda utilizando o exemplo anterior, se o marido afirma para a sua esposa que comprará os

pães ao sair do trabalho e realmente o fizer, relatando posteriormente com precisão, houve correspondência dizer-fazer-dizer. Por outro lado, a falta dessa correspondência pode acontecer em dois momentos distintos. O primeiro momento seria quando o comportamento não verbal não corresponde ao primeiro relato verbal (Medeiros & Medeiros, 2016), ou seja, quando o marido não compra os pães após sair do trabalho mesmo tendo afirmado que o faria. O segundo momento seria quando o segundo relato não corresponde ao comportamento não verbal (Medeiros & Medeiros, 2016), ou seja, quando o marido fala para a esposa que comprou os pães após sair do trabalho mesmo tendo comprado após o jogo de futebol.

As distorções de relato entre o comportamento verbal e não verbal, ou seja, a ausência de correspondência na Análise do Comportamento, corresponde à parte das ocorrências que o falante do senso comum descreve pelo termo “mentira” (Medeiros, 2013). Porém, a definição do mentir apenas “como ausência de correspondência entre relato e o evento relatado não atende aos requisitos de comportamento verbal” (Medeiros, 2013, p. 158). Dessa forma, é preciso considerar a correlação existente entre a topografia e as consequências do comportamento de mentir, visto que, por se tratar de um comportamento verbal, essas consequências serão os efeitos provocados no ouvinte (Medeiros, 2013).

Capítulo 3. Pergunta fechada, Pergunta aberta, Regras e Pergunta “por que”

Relatos de certas topografias, quando produzem consequências específicas, independentemente de serem correspondentes ou não, podem não corresponder aos estímulos relatados. Sendo assim, as perguntas fechadas são aquelas que sinalizam para o indivíduo quais topografias de respostas são passíveis de serem reforçadas, visto que ele só terá duas alternativas de respostas, são elas por exemplo o “sim” ou o “não”, o “gosto” ou o “não gosto”. Dessa forma, as perguntas fechadas aumentam a chance de que relatos não correspondentes ocorram, de forma a aumentar a emissão de respostas com maior probabilidade de serem reforçadas (Demoly, 2016). Geralmente, perguntas fechadas iniciam com “você”. São exemplos de perguntas fechadas “Você estudou para a prova?”; “Você gostou de sair com seus amigos no final de semana?”.

Em contrapartida, as perguntas abertas são aquelas que não criam condições para sinalizar para o indivíduo quais topografias de respostas serão passíveis de reforço, visto que estas terão maiores variabilidades de respostas. Geralmente, perguntas abertas iniciam com as palavras “como”, “descreva”, “relate”, “com que”, “quanto”, etc. Um exemplo de pergunta aberta seria “Como você avalia a sua organização hoje?” ou “Qual significado você dá para tirar boas notas?”. Perguntas abertas tendem a ser preferíveis em relação às perguntas fechadas, podendo facilitar no contexto terapêutico o surgimento e exploração de novos assuntos importantes para uma análise funcional do terapeuta a respeito de comportamentos do cliente (Falcão, 2011).

A categoria denominada de regra (R) é definida por estímulos discriminativos verbais que expõem as relações entre a resposta e a consequência para a resposta, ou seja, no senso comum, as regras seriam as sugestões, conselhos, orientações, instruções, ordens, etc. (Baum, 2006). Dito de outra forma, as regras seriam as relações estabelecidas pelo “se” “então”, por exemplo, “se você estudar para a prova, então tirará boas notas”. Outro exemplo seria “Faça

uma lista com as matérias que você precisa estudar que assim você conseguirá ser uma pessoa mais organizada” ou “Você fala mal de si mesmo para que as pessoas te elogiem”.

Por fim, a pergunta “por que” (PPQ), é definida por perguntas que começam com por que e exigem uma explicação, razão ou motivo para determinada situação. Um exemplo é quando o terapeuta pergunta “Por que você não saiu com seus amigos no final de semana?”.

Capítulo 4. Estudos em Correspondência Verbal

A correspondência verbal tem sido investigada em contextos de pesquisa básica e contextos de pesquisa aplicada. No contexto de pesquisa aplicada, a maioria das pesquisas ocorre em ambientes naturais, como escolas, clínicas e empresas. Além disso, o tipo de pergunta, aberta ou fechada, é uma variável utilizada para investigar a correspondência verbal tanto no contexto de pesquisa básica quanto no contexto de pesquisa aplicada.

Sendo assim, alguns experimentos foram realizados sobre correspondência verbal relacionados a pergunta aberta e a pergunta fechada. O experimento de Souza, Antunes e Medeiros (2014) consistiu em uma pesquisa básica, tendo como objetivo verificar se o tipo de pergunta, aberta ou fechada, influenciava na correspondência do relato de adultos e crianças em um jogo de cartas. Participaram do estudo, seis crianças com idades variando entre sete e oito anos e seis adultos, entre 20 e 49 anos. O procedimento foi o mesmo, tanto para crianças quanto para adultos, realizado em dois dias. No primeiro dia, com perguntas fechadas e, no segundo, com perguntas abertas.

No primeiro dia, foi realizada a condição de pergunta fechada, na qual um participante relatava oralmente o valor de sua carta e, em seguida, o experimentador perguntava ao outro participante se sua carta era maior que a relatada por seu oponente. Ganhava, nos momentos em que não houve checagem, aquele que relatasse o maior valor ou dissesse sim para a pergunta “Você ganha de seu oponente?”. Ganhava o primeiro a relatar se o segundo a relatar dissesse “não” e, ganhava o segundo a relatar caso este dissesse “sim”. No segundo dia, na condição de pergunta aberta, os participantes deveriam relatar o valor da carta, o animal e a cor da carta. Na condição de pergunta aberta, venciam as rodadas sem checagem, quem dissesse o maior valor de modo corresponde ou não à carta comprada. O vencedor da rodada descartaria sua carta no lixo. Ganhar o jogo aquele que tivesse descartado todas as cartas no lixo primeiro, em um número de 30 rodadas por partida.

Após o relato dos participantes, sempre era lançado um dado, que determinaria se haveria checagem ou não. Nos momentos em que houvesse checagem, que acontecia sempre que o dado caísse no 1 ou no 6, os participantes tinham que mostrar suas cartas. Se o participante tivesse relatado com correspondência que sua carta era a maior, a descartaria no lixo. Caso o participante distorcesse o seu relato, este compraria todas as cartas até então já descartadas no “lixo”. Caso os dois participantes tivessem distorcido os seus relatos nos momentos de checagem, ambos dividiriam o lixo.

Os resultados de Souza e cols. (2014) mostraram que as crianças praticamente não distorceram seus relatos e, quando o fizeram, foi na condição de perguntas fechadas e no momento em que foram a segunda pessoa a relatar. Em relação aos adultos, as distorções dos relatos foram, em média, bem maiores nas perguntas fechadas. Todavia, na condição de pergunta aberta, os adultos apresentaram frequência de maior distorção no momento em que foram os primeiros a relatar. Os autores concluíram que as perguntas fechadas produziram maior falta de correspondência do que as perguntas abertas, e que a idade pode ser um fator que influencie na frequência de distorções de relatos.

De modo a tentar resolver algumas falhas de controle experimental do estudo de Souza e cols. (2014), Demoly (2016) buscou verificar os efeitos do tipo de pergunta sobre o relato de adultos por meio de um jogo de cartas. As perguntas foram feitas em relação a uma carta trunfo que poderia levar o participante a ganhar a rodada, caso a possuísse, independentemente dos demais elementos das cartas em disputa. Participaram do experimento, seis jovens universitários entre 20 e 30 anos e um confederado que foi oponente de todos os participantes no jogo. O dado, nesse experimento, não era o objeto usualmente utilizado em jogos de tabuleiro, mas reproduzido por um programa de computador, no qual a checagem em cada rodada aconteceu quando o dado caiu no número 6, de forma previamente programada.

Outra diferença em relação ao estudo de Souza e cols. (2014), foi que Demoly (2016) inseriu a presença de um confederado durante todo o experimento, de forma a manter constante o modo como o oponente jogava contra o participante real. Além disso, o relato dos participantes não se dava mais de forma oral, mas de forma escrita nos quadros brancos, visando minimizar o efeito da ordem de relatar. Outra inovação metodológica do estudo de Demoly (2016) em relação ao estudo de Souza e cols. (2014), foi a utilização de protocolos de registro, no qual mesmo que o participante distorcesse o seu relato em momentos que não houvesse checagem, era possível identificar a distorção, pois as cartas foram organizadas previamente e registradas no protocolo, prescindindo assim da necessidade de experimentadores posicionados atrás dos participantes para registrarem as cartas compradas.

Os participantes foram divididos em dois grupos (PAPF; PFPA) e o jogo foi realizado em três dias de aplicação. Em cada um dos três dias, foram jogadas duas partidas, variando entre partidas de PA e partidas de PF e, variando a ordem de apresentação das duas condições de acordo com o grupo. Na condição de PF, os participantes que relatassem ter a carta com menor valor poderiam responder sim ou não quanto a possuir a carta trunfo. Na condição de PA, os participantes que relatassem a carta de menor valor deveriam relatar o animal e a cor presentes em sua carta.

Os resultados confirmaram a hipótese inicial de pesquisa, ou seja, a maioria dos participantes distorceu mais o seu relato em perguntas fechadas. Além disso, houve uma maior distorção em relação à carta trunfo do que em relação aos valores das cartas, visto que relatar um valor maior da carta não representava tanta possibilidade de ganho quanto relatar que possuía a carta trunfo.

O estudo de Demoly (2018) foi uma replicação de Demoly (2016), porém com algumas modificações procedimentais. O objetivo do estudo permaneceu sendo verificar os efeitos do tipo de pergunta, aberta ou fechada, sobre a correspondência verbal, levando em

consideração a hipótese de que perguntas fechadas podem gerar menor correspondência verbal do que as perguntas abertas. As modificações em Demoly (2018) dizem respeito ao relato dos quatro elementos das cartas (cor, número, palavra e animal), buscando maior complexidade nos relatos, visto que em Demoly (2016), os relatos eram apenas de dois elementos (cor e animal).

Uma segunda modificação do estudo de Demoly (2018) foi a possibilidade de distorção do relato apenas em relação à carta trunfo, visto que, em Demoly (2016), as distorções poderiam ser tanto quanto à carta trunfo quanto ao valor da carta. Essa modificação visou tornar o jogo mais simples, de forma a facilitar a identificação do efeito da variável independente sobre o fenômeno de forma mais fidedigna.

Destaca-se que o efeito de perguntas abertas e perguntas fechadas em Souza e cols. (2014) se deu de modo distinto dos estudos de Demoly (2016; 2018). Tal diferença diz respeito ao custo de resposta para as perguntas abertas em Souza e cols. (2014) que produziram efeitos semelhantes às perguntas fechadas, visto que mesmo necessitando descrever a cor e o animal da carta, o que levaria ao ganho da rodada, era apenas o valor da carta. Ou seja, o próprio jogo favorecia o controle das contingências que favoreciam o controle discriminativo de qual resposta seria passível de reforço ou não.

Em contrapartida, tanto em Demoly (2016), quanto em Demoly (2018), foi utilizada uma carta trunfo, ou seja, na condição de pergunta aberta, não era sinalizada qual topografia de resposta verbal tinha maior probabilidade de ser reforçada. Dessa forma, haviam diversos relatos que poderiam ser reforçados, não sendo possível discriminar qual das respostas seriam reforçadas em razão da carta trunfo em cada rodada.

Participaram do experimento de Demoly (2018) nove universitários entre 19 e 24 anos e um confederado que foi oponente de todos os participantes. Dentre os nove universitários, foram analisados os dados de apenas seis deles, que apresentaram a frequência de distorções

de relatos acima de 11,75%, critério utilizado para inclusão na análise dos dados. De forma semelhante a Demoly (2016), em Demoly (2018) os participantes foram divididos em dois grupos (PAPF; PFPA) e em três dias de experimento. Em cada um dos três dias, foram jogadas duas partidas em cada grupo, variando entre partidas de PA e partidas de PF e, variando a ordem de apresentação das duas condições de acordo com o grupo. No total, foram seis partidas para cada um dos grupos (PAPF e PFPA).

A checagem no estudo de Demoly (2018) permaneceu sendo apenas quando o dado caísse no número 6, e a frequência de checagem foi de 20%, ou seja, cada partida era composta por 20 rodadas e, em quatro dessas rodadas, havia checagem. Os resultados confirmaram a hipótese inicial de pesquisa, ou seja, todos os participantes distorceram mais seu relato na condição de pergunta fechada do que na condição de pergunta aberta, da mesma forma que ocorreu em Demoly (2016).

Demoly (2018) sugere que em estudos futuros, em contexto aplicado, seja investigado o uso de perguntas abertas e fechadas em psicoterapeutas sobre os seus comportamentos nas sessões, o que poderia auxiliar a análise de qual pergunta é mais eficaz para obter relatos mais acurados no contexto clínico. Além disso, sugere a investigação e uso das perguntas abertas em contexto escolar e em contexto organizacional.

Com relação às pesquisas aplicadas em contextos naturais, Ricci e Pereira (2006) buscaram estudar, em um contexto escolar, a correspondência verbal entre aquilo que o professor diz que fará em sala de aula e aquilo que ele realmente faz em sua atuação. Participaram do estudo, três professores do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, sendo duas mulheres e um homem. Foi aplicado nos participantes um questionário com algumas situações-problemas anteriormente observadas em sala de aula pela pesquisadora, na qual os professores deveriam responder como agiriam nessas situações. Além disso, foram utilizadas fichas de observação para registro das situações reais em sala de aula.

Após a coleta das respostas aos questionários, foram feitas observações de duas aulas na semana de cada um dos professores, em duas turmas distintas, no período total de três semanas. Ou seja, para cada professor, foram realizadas três observações em cada uma das duas turmas. A escolha de duas turmas distintas foi feita para aumentar a chance de situações semelhantes às do questionário. Além disso, as duas turmas foram as mesmas durante as três semanas para analisar as repetições das mesmas situações, e a reação dos professores em ocorrências distintas do mesmo problema.

Nos resultados, Ricci e Pereira (2006) perceberam que, de início, não havia alta frequência de correspondência entre o dizer e o fazer dos professores. Porém, após uma análise acurada, foi identificado que as respostas se assemelhavam, mesmo que não houvesse correspondência topográfica, poderia haver correspondência funcional. A correspondência funcional é definida quando o relato emitido é idêntico ou muito semelhante ao comportamento observado, enquanto que a correspondência funcional é definida quando o relato não é coincidente com o observado, mas que provavelmente teria as consequências mantenedoras (Ricci & Pereira, 2006). Dessa forma, as respostas foram agrupadas em três categorias: correspondências topográficas e possivelmente funcionais, correspondências não topográficas e possivelmente funcionais e ausência de correspondência.

Dentre as variáveis que podem ter influenciado a ausência de correspondência, Ricci e Pereira (2006) apontam algumas que dificultaram a coleta fidedigna dos dados. A primeira delas é inerente à auto-observação, ou seja, o fato de o questionário abordar comportamentos futuros que não poderiam ser previstos de forma fidedigna influenciariam o falante a apresentar uma resposta encoberta controlada por diversas variáveis do momento presente. Skinner (1953/2003), ao falar sobre o comportamento futuro, descreve que o relato do comportamento futuro no presente não é uma descrição propriamente do comportamento, mas, que “pode ser um relato de energético comportamento encoberto a ser provavelmente

emitido de público quando a ocasião surgir” (Skinner, 1953/2003). Além disso, o relato do comportamento futuro pode ser uma descrição baseada na forma como o indivíduo se comportou em eventos usuais passados (Skinner, 1953/2003).

Outra dificuldade foram as diferenças das situações presentes no questionário e as situações reais em sala de aula, visto que, no contexto real, o comportamento do professor estava sob controle de diversas variáveis que não estavam descritas no questionário, porém, essas variáveis não são especificadas pelos autores. Além disso, o questionário foi feito baseado em situações observadas pela pesquisadora nessa mesma escola da pesquisa atual e em relatos de observações realizadas por um estagiário de um outro semestre em uma escola pública de São Paulo.

Outra possível explicação para a ausência de correspondência foi que o comportamento do professor, ao responder o questionário, poderia estar sob controle discriminativo de determinadas turmas e determinados alunos específicos. Além disso, as situações da história do professor com a turma podem ter produzido maior efeito sobre o comportamento relatado do que as situações que ocorreram imediatamente antes do comportamento atual do professor. Uma última dificuldade apontada por Ricci e Pereira (2006) foi que, em diversas questões, a resposta do professor foi pouco específica à situação-problema. Assim, conclui-se que a correspondência verbal fazer-dizer no contexto escolar, como em qualquer contexto aplicado, é complexa, visto que existem diversas variáveis que podem controlar o comportamento do professor na condição de um ambiente natural.

Como o estudo de Ricci e Pereira (2006), o estudo de Leme e Pereira (2012) teve como objetivo estudar a correspondência verbal de professores em sala de aula, analisando os momentos em que houve correspondência verbal e os momentos em que não houve correspondência verbal. Uma diferença em relação ao estudo de Ricci e Pereira (2006), que aplicaram o questionário antes da observação, no estudo de Leme e Pereira (2012), as

observações antecederam a elaboração do questionário. Dessa forma, foi realizado um questionário para cada aula de cada professor. Buscou-se também investigar se o formato da pergunta, se referindo a um comportamento passado ou a um comportamento futuro, influenciaria a correspondência verbal.

Dessa forma, participaram do experimento de Leme e Pereira (2012) dois professores do 6º ano do Ensino Fundamental. Os questionários utilizados foram específicos para cada participante e continham em torno de 10 perguntas em duas situações distintas: situações observadas em sala de aula ou situações que poderiam acontecer em sala de aula. Foram observadas e filmadas cinco sessões para o primeiro professor, e quatro sessões para o segundo professor, ambos na mesma turma. Os questionários referentes às duas primeiras sessões dos professores foram elaborados com perguntas sobre o comportamento futuro. De forma oposta, os questionários referentes às três últimas sessões do primeiro professor e às duas últimas sessões do segundo professor, foram elaborados com perguntas sobre o comportamento passado.

Nos resultados, Leme e Pereira (2012) utilizaram de uma categorização das respostas semelhante à do estudo de Ricci e Pereira (2006). Dessa forma, as respostas foram classificadas em três categorias: correspondência topográfica, possível correspondência funcional e não correspondência. Os resultados mostraram que os participantes apresentaram maior frequência de correspondência verbal do que de não correspondência verbal. Além disso, ambos apresentaram mais relatos distorcidos em situações futuras do que em situações passadas.

Em um outro contexto natural, denominado de contexto organizacional, Ramalho e Pedroso (2014) tiveram como objetivo investigar a correspondência verbal a partir da interação entre gestores e funcionários. Participaram do estudo, três gestoras de uma empresa de agronegócio, com idades entre 30 e 50 anos, de setores distintos, e com tempo de empresa

entre 4 e 6 anos. Foi utilizada a observação direta e um registro com quatro situações-problemas que foram adaptadas do estudo de Ricci e Pereira (2006). As situações-problemas foram descritas por meio de perguntas abertas e elaboradas com base na observação do comportamento dos subordinados aos gestores de cada setor escolhido para aplicação do estudo.

As observações aconteceram no período de quatro meses nos setores distintos de cada gestora. A primeira pesquisadora permanecia na empresa todos os dias por aproximadamente quatro horas, e a coleta de dados foi feita a partir de situações que foram aparecendo durante essas horas. Ou seja, nos momentos em que acontecia alguma conversa entre alguma das gestoras e seus colaboradores, a pesquisadora observava a situação e a registrava. Sendo assim, a coleta do comportamento verbal das gestoras não se deu de forma sistemática. Posteriormente, a partir das situações mais observadas, era apresentada a cada gestora em seu setor e em horários distintos, o questionário com as quatro situações-problemas e solicitado que elas respondessem como se comportariam em cada uma das situações.

Após a coleta das informações, os dados foram distribuídos em tabelas que continham o antecedente, o comportamento do subordinado, o comportamento futuro relatado pelo gestor e o comportamento real emitido pelo gestor. Os resultados de Ramalho e Pedroso (2014) mostraram que, das três gestoras, houve alta frequência de correspondência verbal fazer-dizer do comportamento de duas delas e baixa frequência de correspondência do comportamento de uma delas.

Os autores ressaltam que apesar das situações-problemas de o questionário terem sido descritas de forma semelhante ao observado no contexto real, não se pode desconsiderar a influência de variáveis não controladas sob o comportamento do gestor. Porém, os autores não especificam quais são essas variáveis. Além disso, a correspondência entre o dizer e o

fazer pode ser dificultada levando em conta que ambas estão sob controle de contingências distintas, o que se aplica aos demais contextos de pesquisas naturais e pesquisas básicas.

Dessa forma, Ramalho e Pedroso (2014) sugerem que novos estudos sejam feitos no ambiente organizacional, para investigar as diferentes interações verbais e a influência da correspondência sobre o comportamento de gestores e colaboradores. Além disso, estudos nesse contexto podem contribuir para melhoria nas interações sociais, visto que possibilita que os falantes analisem seus próprios comportamentos na interação com outras pessoas que exercem o papel de ouvintes (Ramalho & Pedroso, 2014).

No contexto clínico, Pinto (2007) buscou investigar a correspondência verbal fazer-dizer de terapeutas através de categorização de relatos e se a possibilidade de falar sobre essa correspondência alteraria as sessões terapêuticas futuras. Participaram do estudo, um terapeuta analítico-comportamental com 27 anos e dois anos de formado e uma cliente de 24 anos que estava em terapia há dois meses. Foram utilizados um gravador para registrar os áudios das sessões que seriam posteriormente transcritos. O estudo foi todo realizado em um consultório de uma clínica de psicologia.

Foram realizadas 15 sessões de coletas de dados de 50 minutos cada e que aconteciam uma vez por semana, sempre no mesmo dia e horário. Além disso, foram realizadas quatro entrevistas com duração de uma hora e meia cada e que aconteceram no intervalo entre a 3ª e 4ª sessão, a 6 e 7ª sessão, a 9ª e 10ª sessão e a 12ª e 13ª sessão. A pesquisadora não teve nenhum contato com a cliente, visto que as sessões foram todas gravadas, não necessitando da presença dela. Após a transcrição dos relatos, estes foram categorizados e escolhidos os relatos verbais que seriam utilizados antes de cada uma das quatro sessões de entrevistas. As categorias utilizadas para o estudo foram adaptadas daquelas criadas por Zamignani (2007) e acrescentadas novas categorias criadas pela pesquisadora.

Os episódios verbais escolhidos para cada sessão de entrevista foram selecionados com base em três critérios: terapeuta esclarece ou reafirma uma fala anterior do cliente; terapeuta faz uma análise funcional de um comportamento ou ensina o cliente a fazer; terapeuta fala juntamente com o cliente, sobrepondo sua fala. Para a primeira sessão de entrevista, foi escolhido o primeiro critério e foram selecionados quatro episódios de cada uma das três primeiras sessões, totalizando 12 relatos. A pesquisadora iniciava mostrando ao terapeuta, de forma oral, sua primeira fala do episódio escolhido. A ordem de apresentação dos relatos ficou então: fala inicial do terapeuta, fala do cliente e, fala posterior do terapeuta, chamada de comportamento-alvo.

Destaca-se que apenas o relato que continha o comportamento-alvo do terapeuta foi reproduzido por áudio, enquanto os outros relatos foram lidos pela pesquisadora. Caso a primeira fala do terapeuta fosse curta, a pesquisadora fazia um breve resumo do assunto tratado na sessão terapêutica antes de reproduzir as falas propriamente ditas. Quando era apresentada a fala do cliente, anterior à fala do terapeuta, chamada de comportamento alvo, a pesquisadora pausava o relato e perguntava ao terapeuta: “O que você fez nesse momento?” O terapeuta então relatava o que tinha feito e, em seguida, a pesquisadora reproduzia o áudio do relato real do que ele havia feito na situação.

Na segunda sessão de entrevista, a pesquisadora manteve o primeiro critério, pois os dados coletados na primeira sessão foram insuficientes e modificou a escolha dos episódios para seis relatos de cada uma das duas últimas sessões, permanecendo um total de 12 relatos. Outra modificação dessa segunda entrevista foi que a pesquisadora não mais reproduzia por áudio o episódio para o terapeuta, apenas relatava-o de forma oral.

As duas últimas sessões de entrevista aconteceram como a segunda sessão, porém, respeitando os critérios selecionados para cada uma delas, ou seja, o segundo critério foi escolhido para a terceira entrevista e o terceiro critério foi escolhido para a quarta entrevista.

Nas sessões de entrevista, foi analisada a correspondência entre os comportamentos observados nas sessões terapêuticas por meio das gravações e os relatos do terapeuta sobre as situações na entrevista. Ou seja, comparou-se as respostas do terapeuta observadas com as respostas do terapeuta relatadas.

Para análise dos resultados, Pinto (2007) classificou as respostas do terapeuta comparadas com a situação real em oito categorias. A primeira é chamada de correspondência topográfica, que aconteceu quando houve correspondência total entre o fazer e o dizer do terapeuta. A segunda é chamada de correspondência parcial tipo 1, que aconteceu quando o terapeuta relatou comportamentos além daqueles observados. A terceira é chamada de correspondência parcial tipo 2, que aconteceu quando o terapeuta relatou apenas parte dos comportamentos observados. A quarta é chamada de correspondência parcial dos tipos 1 e 2, que aconteceu quando o terapeuta relatou parte dos comportamentos observados e, também, comportamentos, além dos observados. A quinta categoria é chamada de possível correspondência funcional, que aconteceu quando o terapeuta relatou comportamentos com probabilidade de apresentarem consequências semelhantes às dos comportamentos observados. A sexta é chamada de possível correspondência funcional tipo 1, que aconteceu quando o terapeuta relatou comportamentos além daqueles que poderiam gerar consequências semelhantes aos comportamentos observados. A sétima é chamada de possível correspondência funcional tipo 2, que aconteceu quando o terapeuta relatou apenas parte dos comportamentos que possivelmente apresentaram consequências semelhantes aos comportamentos observados. A oitava é chamada de não correspondência, que aconteceu quando o terapeuta relatou comportamentos que não tinham correspondência nem funcional nem topográfica.

Os resultados de Pinto (2007) apontaram maior frequência de correspondência verbal funcional, sejam elas totais ou parciais, do que de não correspondência; sendo que, em três

das quatro sessões de entrevista, observou-se maior frequência de correspondência. A categoria que apresentou maior frequência de correspondência foi a correspondência funcional, demonstrando que o comportamento do terapeuta pode estar mais sob controle do comportamento de seu cliente do que do seu próprio comportamento verbal.

Pinto (2007) conclui que o seu estudo demonstrou os benefícios que uma sessão terapêutica pode obter por meio da análise da correspondência, no consultório, e da possibilidade de relatar sobre essa correspondência posteriormente; e que novos estudos devem ser feitos buscando maior controle sobre as categorias escolhidas. Além disso, a contraposição entre o que acontecia e o que era relatado, serviu para adquirir novos repertórios clínicos, que podem ser úteis para novos métodos de supervisão.

Capítulo 5. Justificativa e Objetivos

Os trabalhos mencionados acima demonstraram como vários autores têm realizado estudos para análises de correspondências verbais nos diferentes contextos; sejam eles contextos de pesquisa básica ou de pesquisa aplicada. Por meio dessas pesquisas utilizadas como exemplos, pode-se refletir em como a falta de correspondência verbal pode estar presente nas diversas relações em que as pessoas se inserem no seu dia a dia.

Na maior parte das clínicas-escolas de psicologia, os supervisores não tem acesso aos comportamentos dos terapeutas-estagiários, tendo acesso somente ao relato verbal do que aconteceu nas sessões, mais especificamente, de como os estagiários contam que agiram nas sessões. Esse acesso restrito se aplica aos supervisores dos diversos âmbitos de atuação dos estagiários em psicologia, sejam eles estagiários escolares, hospitalares, organizacionais e do trabalho, sociais ou clínicos. Nesse sentido, para que haja qualidade nos atendimentos e serviços psicológicos prestados, além da qualidade na formação dos estagiários e iniciantes, é fundamental que os supervisores tenham acesso a relatos fidedignos.

Relatar é comportar-se, sendo função de variáveis como qualquer outro comportamento. Poucas pesquisas foram realizadas sobre correspondência verbal de terapeutas no contexto de supervisão (Pinto, 2007), contexto este escolhido então para a presente pesquisa. Além disso, perguntas abertas e fechadas têm se mostrado uma variável relevante conforme demonstrado nos estudos de Souza e cols. (2014) e Demoly (2016; 2018). No momento em que os supervisores solicitam os relatos dos seus estagiários, utilizam-se de perguntas, sendo algumas abertas e algumas fechadas. Com base na discussão teórica proposta por Medeiros e Medeiros (2018) e nas evidências empíricas em pesquisa básica, acredita-se que os supervisores tenham informações mais precisas e acuradas quando fizerem perguntas abertas em detrimento das perguntas fechadas.

Além disso, em vários cargos em organizações, os supervisores, gerentes e gestores não tem acesso ao comportamento dos seus subordinados, tendo acesso apenas aos seus relatos. Sendo assim, a possibilidade de checagem é restrita, ainda que exista. Para que haja uma boa gestão sobre seus subordinados, pode ser fundamental que esses relatos sejam acurados. Nesse sentido, é relevante investigar o que afeta a acurácia desses relatos.

Uma clínica psicológica, configura-se em uma organização. Ademais, um supervisor de estágio configura-se como um funcionário que tem uma descrição do seu cargo. Um estagiário também tem um cargo e a descrição de atividades e responsabilidades. Sendo assim, o contexto clínico foi o contexto organizacional escolhido para aplicação do presente estudo. Além disso, Demoly (2018) sugere que estudos sejam feitos no contexto clínico para investigar o uso de perguntas abertas e fechadas em psicoterapeutas.

Dessa forma, buscando aprofundamento nas pesquisas aplicadas realizadas acerca do comportamento verbal em contextos naturais, o presente estudo objetivou investigar a correspondência verbal fazer-dizer do comportamento de terapeutas analítico-comportamentais iniciantes em sua atuação profissional a depender do tipo de pergunta. Como objetivos específicos, a pesquisa busca: identificar a influência de cada tipo de pergunta, aberta e fechada, na correspondência verbal; ampliar o âmbito de estudo de correspondência verbal para contextos de pesquisa aplicada e observar correspondência verbal de terapeutas enquanto profissionais em seu ambiente de trabalho.

O experimento foi realizado em duas condições experimentais, sendo uma com pergunta aberta e uma com pergunta fechada. Além disso, foram escolhidas quatro categorias para serem investigadas no estudo baseadas nas categorias utilizadas por Falcão (2011). São elas: regra, pergunta aberta, pergunta fechada e pergunta “por que”. A escolha das categorias se deu visto que são categorias comuns no contexto de atendimento clínico na Análise do Comportamento.

Capítulo 6. Método

6.1 Participantes

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com parecer (Anexo A) número: 3.557.817 e CAAE: 16095119.7.0000.0023. Após a aprovação, foram selecionados os participantes da pesquisa. Foi convidada uma amostra de dois terapeutas analítico comportamentais, estagiários da clínica-escola de uma universidade particular do Distrito Federal. Os participantes tinham as idades de 22 e 26 anos, sendo um homem e uma mulher. Cursavam o 9º ou o 10º semestre do curso de Psicologia. Além disso, participou um cliente de cada um dos terapeutas, totalizando dois clientes. A escolha dos clientes se deu por conveniência e horário disponível para coleta dos dados. A participação foi voluntária e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sendo um modelo para os terapeutas (Anexo B) e um modelo para os clientes (Anexo C), atestando a sua participação voluntária no estudo.

6.2 Local

O presente estudo foi realizado em dois consultórios semelhantes de uma clínica-escola de uma universidade particular do Distrito Federal. Os consultórios utilizados tanto para a coleta dos dados do cliente, quanto para a coleta de dados do terapeuta, mediam aproximadamente 4,00 m por 2,00 m. Possuíam uma porta que dava acesso ao corredor e um espelho que dava acesso a uma sala de observação dos atendimentos. Os consultórios continham os seguintes móveis e objetos: uma mesa, uma cadeira, duas poltronas e um aparelho de ar-condicionado. Por se tratar de consultórios psicológicos, estes possuíam isolamento acústico para manter o sigilo das informações.

6.3 Materiais e Equipamentos

Nos dias do experimento, foram utilizados um gravador de áudio e oito protocolos de registro das situações observadas em sessão.

6.4 Procedimento

A pesquisadora convidou, para participação no estudo, todos os terapeutas da clínica-escola do curso de Psicologia, alocados no 9º ou no 10º semestre de um centro universitário particular do Distrito Federal, que estavam realizando atendimentos psicoterápicos analíticos comportamentais. Inicialmente, a pesquisadora se direcionou para a clínica-escola da universidade no dia e horário previstos para o estágio clínico e apresentou sua proposta de estudo. A partir daqueles que demonstraram interesse em participar, foram sorteados dois terapeutas para amostra do estudo. Os participantes receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, concordando com as etapas do estudo, assinaram o TCLE.

O estudo foi composto de quatro dias de aplicação para cada um dos terapeutas, totalizando oito encontros entre pesquisadora e terapeutas. Além disso, no primeiro dia de atendimento clínico, os terapeutas participantes solicitaram autorização de seus clientes para que as próximas quatro sessões fossem gravadas para fins acadêmicos. Os terapeutas deixaram claro para seus clientes que o não consentimento na gravação das sessões não acarretaria nenhum tipo de comprometimento ao seu tratamento. Com a autorização dos dois clientes, um de cada terapeuta, a pesquisa só iniciou com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte dos clientes.

Em um primeiro momento, a pesquisadora fez uma classificação de quatro categorias para serem analisadas no estudo. As categorias escolhidas são as mesmas utilizadas por Falcão (2011), porém, a autora se utiliza de sete categorias, sendo escolhidas para esse estudo apenas as categorias: regras, perguntas fechadas, perguntas abertas e perguntas iniciada por “por que”. A partir disso, antes da primeira sessão de psicoterapia, a pesquisadora se reuniu com os dois participantes e apresentou e discutiu as definições de cada uma dessas categorias.

Feita uma breve explicação das categorias aos terapeutas participantes, a pesquisadora realizou um treino de categorias para que os terapeutas pudessem analisar diálogos entre

terapeutas e clientes. O treino foi realizado a partir de uma transcrição de uma simulação de atendimento clínico que continha as categorias em questão (Anexo D). Foi dada a cada um dos terapeutas uma folha com o diálogo entre um terapeuta e um cliente e, os mesmos foram identificando, em cada diálogo do terapeuta, qual era a categoria presente. Após a realização do treino, a pesquisadora passou para a coleta de dados em si.

No primeiro dia, a pesquisadora entregou um gravador de áudio para o primeiro terapeuta participante, e solicitou que este gravasse toda a sessão de psicoterapia com seu cliente. Cada sessão teve duração de 50 minutos e aconteceu uma vez por semana, sempre no mesmo dia e horário. Durante a sessão, a pesquisadora não teve nenhum contato com o cliente, apenas com o terapeuta, antes e após a sessão. Além da gravação, a pesquisadora observou o atendimento atrás do espelho pela sala de observação do consultório. Ao final da sessão, o terapeuta entregou o gravador para a pesquisadora e essa ouviu todo o áudio da sessão. Selecionou falas do terapeuta na sessão que apresentavam as categorias escolhidas para o estudo, sendo no máximo três falas para cada uma das categorias. Ou seja, a pesquisadora selecionou momentos em que houve pergunta aberta, momentos em que houve pergunta fechada, momentos em que houve emissão de regras e momentos em que houve a pergunta “por que”.

Quando alguma das categorias não foi utilizada na sessão, essa categoria não foi contemplada nas situações selecionadas. Todavia, quando alguma das categorias não apareceu na sessão, essa categoria pôde ser explorada na entrevista caso ela estivesse na condição de pergunta fechada. Um exemplo seria se a pergunta “por que” não tiver aparecido em uma sessão, na entrevista, em condição de pergunta fechada, o terapeuta poderia questionar “Nesse momento você utilizou a pergunta por que?”. Dessa forma, a pesquisadora pôde contemplar a categoria mesmo que ela não tenha aparecido na sessão.

Após a escolha e transcrição das situações escolhidas, a pesquisadora e o terapeuta se dirigiram para um consultório vago e a pesquisadora fez uma entrevista com o terapeuta, realizando perguntas referentes aos comportamentos do terapeuta em atendimento com relação a cada uma das categorias observadas. Feito isso, a pesquisadora finalizou a entrevista e, sem a presença do terapeuta, fez a transcrição da sessão gravada, para analisar se houve ou não correspondência verbal entre aquilo que o terapeuta fez na sessão, e aquilo que ele relatou na entrevista que havia feito.

O uso de quatro sessões para cada terapeuta foi feito para que eles pudessem ter maior contato com as contingências visando maior fidedignidade dos dados. O formato das perguntas do questionário variou entre perguntas abertas e perguntas fechadas, de forma a verificar também o efeito do tipo de pergunta sobre a correspondência verbal dos participantes.

Sendo assim, cada entrevista conteve até 12 perguntas, sendo o máximo de três para cada uma das categorias. No primeiro dia, as duas primeiras categorias (regras e perguntas fechadas), foram questionadas por meio de perguntas abertas, conforme apresentado na Tabela 1. Por exemplo “Quando seu cliente falou que não havia estudado para as provas, o que você fez?”. Em contrapartida, as duas últimas categorias (perguntas abertas e perguntas “por que”) foram questionadas através de perguntas fechadas, conforme descrito na Tabela 1. Por exemplo “Quando seu cliente falou que não havia estudado, você perguntou por que ele não estudou?”.

No segundo dia, a ordem do tipo de pergunta se inverteu, ou seja, as duas primeiras categorias do questionário foram questionadas por meio de perguntas fechadas (regras e perguntas fechadas) e, as duas últimas categorias foram questionadas por meio de perguntas abertas (perguntas abertas e perguntas “por que”), conforme mostra a Tabela 1. No terceiro dia, o questionário foi realizado de forma idêntica ao primeiro dia e, no quarto dia, o

questionário foi realizado de forma idêntica ao segundo dia, também conforme apresentado na Tabela 1. Dessa forma, houve dois dias para cada ordem das condições de pergunta aberta e pergunta fechada. Ressalta-se que as perguntas utilizadas como exemplos não foram baseadas em falas reais, sendo apenas para ilustrar o formato das perguntas.

Tabela 1.

Ordem do tipo de pergunta por categoria nas quatro sessões de entrevista com o terapeuta.

| Categorias | Sessões | | | |
|--------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| | 1ª sessão | 2ª sessão | 3ª sessão | 4ª sessão |
| Regras | PA | PF | PA | PF |
| Pergunta Fechada | PA | PF | PA | PF |
| Pergunta Aberta | PF | PA | PF | PA |
| Pergunta "por que" | PF | PA | PF | PA |

Encerrando a coleta de dados com o primeiro terapeuta, a pesquisadora deu continuidade no procedimento com o segundo terapeuta, sendo que ambos passaram pelas mesmas condições experimentais.

Capítulo 7. Resultados

A Figura 1 mostra a porcentagem de correspondência verbal do primeiro terapeuta, chamado de Participante 1, em cada uma das categorias nas duas condições experimentais, ou seja, na condição de pergunta aberta e na condição de pergunta fechada.

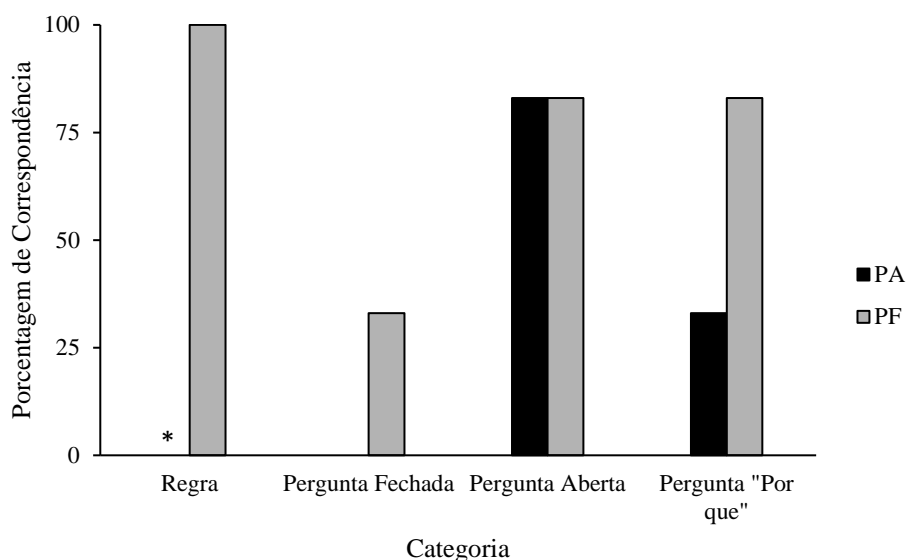


Figura 1 – Porcentagem de correspondência verbal do P1 quanto às categorias em cada uma das condições experimentais. O “*” representa a ausência da categoria, ou seja, os momentos em que a categoria não pôde ser investigada pois ela não apareceu durante as sessões.

Com base na Figura 1, é possível observar que P1 apresentou uma maior porcentagem de correspondência na categoria de regra e que esta só apareceu na condição de pergunta fechada. Na condição de pergunta aberta, a categoria não apareceu em nenhuma sessão, não podendo ser contemplada nesta condição. Todavia, na condição de pergunta fechada, P1 teve 100% de correspondência verbal na categoria de regra.

A categoria de pergunta fechada foi a única que apresentou 0% de correspondência verbal na condição de pergunta aberta e baixa correspondência na condição de pergunta fechada, com 33%. A categoria de pergunta aberta não apresentou diferenças a depender da condição, ou seja, houve 83% de correspondência verbal tanto na condição de pergunta

aberta quanto na condição de pergunta fechada. Por fim, a categoria de pergunta “por que” foi a categoria que teve uma maior variação na correspondência a depender da condição, ou seja, houve 33% na condição de pergunta aberta e 83% na condição de pergunta fechada.

É possível observar ainda que a condição de pergunta fechada teve uma maior porcentagem de correspondência verbal em todas as categorias quando comparada à condição de pergunta aberta para P1, de acordo com a Figura 1.

A Figura 2 mostra a porcentagem de correspondência verbal do segundo terapeuta, chamado de participante 2, em cada uma das categorias nas duas condições experimentais, ou seja, na condição de pergunta aberta e na condição de pergunta fechada.

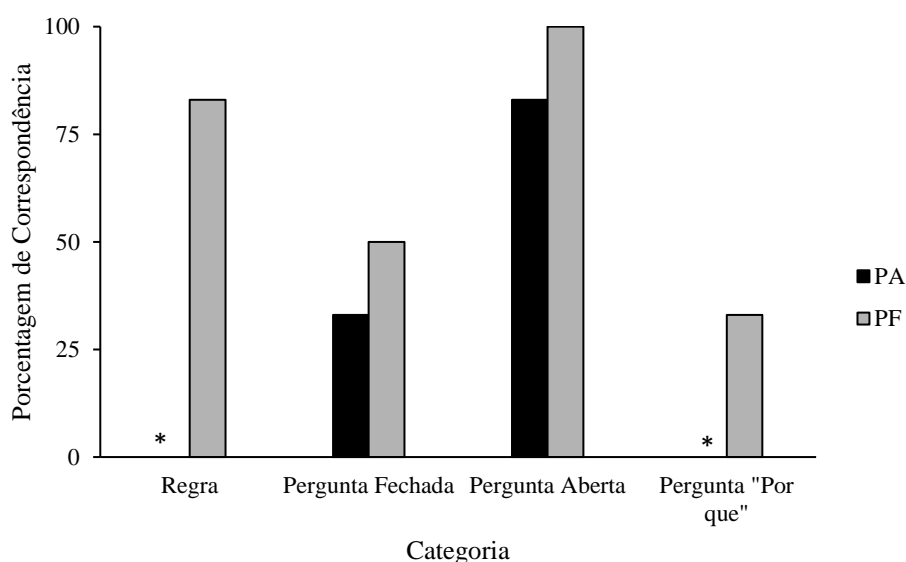


Figura 2 – Porcentagem de correspondência verbal do P2 quanto às categorias em cada uma das condições experimentais. O “*” representa a ausência da categoria, ou seja, os momentos em que a categoria não pôde ser investigada pois ela não apareceu durante as sessões.

Com base na Figura 2, é possível observar que P2 apresentou uma maior porcentagem de correspondência na categoria de pergunta aberta, de 100%, e quando estava na condição de pergunta fechada. Demonstrou baixa variação a depender da condição, com 83% de

correspondência verbal na condição de pergunta aberta. Com relação a categoria de pergunta fechada, esta teve baixa porcentagem de correspondência nas duas condições. Todavia, a maior porcentagem de correspondência se deu na condição de pergunta fechada, com 50%, do que na condição de pergunta aberta, com 33%.

Tanto a categoria de regra quanto a categoria da pergunta “por que” só foram contempladas nas condições de pergunta fechada, sendo a categoria de regra com 83% de correspondência e a categoria da pergunta “por que” com 33% de correspondência. Ambas as categorias não apareceram em nenhuma das sessões em que a condição era de pergunta aberta, não podendo ser contempladas nas perguntas. É possível observar ainda que a condição de pergunta fechada teve uma maior porcentagem de correspondência verbal em todas as categorias quando comparada à condição de pergunta aberta.

Quando comparados P1 e P2, observa-se que ambos os participantes apresentaram maior porcentagem de correspondência verbal na condição de pergunta fechada.

Buscando compreender os momentos em que ocorreram distorções na condição de pergunta aberta, estas foram classificadas em dois tipos e contabilizadas conforme mostra a Tabela 2.

Tabela 2.

Frequência de distorções dos relatos dos participantes em dois tipos distintos de análise.

| Participantes | Tipos | |
|---------------|--------|--------|
| | Tipo 1 | Tipo 2 |
| P1 | 8 | 1 |
| P2 | 4 | 2 |

O Tipo 1 foi chamado de “Categoria e Conteúdo diferente”, ou seja, foram as vezes em que os participantes distorceram seus relatos emitindo uma categoria diferente da

observada e, com conteúdo diferente do observado. Exemplo deste tipo foi uma situação em que P2 havia emitido a seguinte pergunta na sessão: “Você tem medo que isso aconteça com ela?”. Observa-se que foi emitida uma pergunta fechada, todavia, no momento da entrevista, quando solicitado ao participante que relatasse o que fez, este relatou: “Fiz uma pergunta aberta, perguntei o quanto isso se parecia com ela”. Sendo assim, é possível observar que houve um erro quanto a categoria e um erro quanto ao conteúdo entre o comportamento e o relato do comportamento.

O Tipo 2 foi chamado de “Categoria diferente e Conteúdo semelhante”, ou seja, foram as vezes em que os participantes apresentaram mais distorções de relatos emitindo uma categoria diferente da observada, mas com o mesmo conteúdo observado. Exemplo deste tipo foi uma situação em que P1 havia emitido a seguinte pergunta na sessão: “O que você faz precisa ser 100% certo?”. Observa-se que foi emitida uma pergunta fechada, todavia, no momento da entrevista, quando solicitado ao participante que relatasse o que fez, este relatou: “Utilizei uma pergunta aberta. Perguntei algo sobre a necessidade de ser 100% certo o que ela faz”. Sendo assim, é possível observar que houve um erro quanto a categoria, mas que o conteúdo relatado era o mesmo observado na sessão.

Pode-se observar que houve mais distorções de relatos para P1 do que para P2 e que os erros predominaram no Tipo 1 “Categoria e Conteúdo diferente”. Para P2, as distorções também foram maiores no Tipo 1, porém, com uma frequência bem menor do que P1.

Capítulo 8. Discussão

O estudo buscou verificar o efeito do tipo de pergunta, aberta ou fechada, sobre a correspondência verbal de terapeutas no ambiente de trabalho. Pode-se dizer que a hipótese inicial de pesquisa foi refutada pois, os participantes apresentaram mais relatos distorcidos na condição de pergunta aberta do que na condição de pergunta fechada. Esse dado não corrobora os resultados dos estudos de Souza e cols. (2014) e Demoly (2016; 2018) que observaram maior frequência de distorções na condição de pergunta fechada. Todavia, vai ao encontro do Experimento 1 de Andrade (2011).

No estudo de Andrade (2011), os participantes apresentaram maior frequência de distorções na condição de pergunta aberta, ou seja, dos doze participantes, seis distorceram mais na condição de pergunta aberta do que na condição de pergunta fechada. Além disso, aqueles que não distorceram na condição de pergunta aberta também não distorceram na condição de pergunta fechada. De forma geral, houve uma pequena parcela de distorções de relatos (Andrade, 2011). Esse resultado se assemelha ao encontrado no presente estudo, no qual os dois participantes apresentaram maior porcentagem de distorção na condição de pergunta aberta, independentemente da categoria: regra, pergunta aberta, pergunta fechada e pergunta “por que”.

Arantes, Mello e Domeniconi (2012) falam sobre a “memória”, ou seja, o comportamento de lembrar e de esquecer. Para a Análise do Comportamento, a memória “deve ser estudada a partir da análise das variáveis que controlam e afetam sua probabilidade de emissão (Arantes e cols., 2012, p. 56)”. Sendo assim, de forma geral, diz respeito a comportamentos que ocorrem sob controle de estímulos que não estão presentes, mas que estiveram no passado e, como todo operante, está sob o controle de estímulos, controle este que pode ser afetado por um grande conjunto de variáveis. Dessa forma, uma variável que pode ter interferido na correspondência verbal é o lapso temporal que existiu entre o

momento da sessão terapêutica e o momento da entrevista, ou seja, um intervalo muito longo entre uma resposta e um questionamento relativo a ela piora o controle de estímulos. Ou seja, diminui a probabilidade de emissão da resposta requisito da contingência.

Arantes e cols. (2012) relatam que as pessoas esquecem eventos em prol da interferência de novos eventos mais recentes, ou seja, que a memória antiga é afetada pela memória atual e vice-versa. Após a sessão de psicoterapia, os participantes realizaram outras atividades antes do momento da entrevista, sejam atendimentos com outros clientes, supervisões, ou momentos para escreverem os relatórios dos casos atendidos. Sendo assim, as informações obtidas no intervalo entre a sessão terapêutica e a entrevista podem ter contribuído para os esquecimentos no momento da coleta de dados. Isto é, eventos que aconteceram na lacuna de tempo que separava a situação real (terapia) da situação que evocava a memória (entrevista) afetaram a forma como o comportamento de lembrar foi emitido (Arantes & cols., 2012).

Além disso, o comportamento dos participantes pode ter sido influenciado pela história pregressa dos terapeutas com os clientes antes do início da coleta dos dados do que propriamente ter ficado sob controle do comportamento imediatamente anterior ao relato do comportamento, ou seja, ao comportamento emitido na sessão atual. Ricci e Pereira (2006) abordam essa mesma dificuldade em relação aos professores, que seus comportamentos podem ter sido influenciados por suas histórias específicas com as turmas.

Outro ponto importante é que os indivíduos geralmente são mais treinados a observarem os comportamentos de seus clientes do que seus próprios comportamentos, o que dificulta o autoconhecimento. Ricci e Pereira (2006) relatam essa mesma dificuldade na coleta dos dados, referente a auto-observação dos participantes, visto que os relatos poderiam estar sob controle de variáveis do ambiente presente. Como os participantes, em muitos momentos não recordaram aquilo que fizeram, pode ser que as respostas deles tenham sido

baseadas naquilo que eles fariam, ou seja, apresentaram uma resposta controlada por diversas variáveis do momento presente não do momento passado (Skinner, 1953/2003). Um dado que exemplifica é que em certo momento da entrevista, P1 relata: “É muito difícil lembrar o que eu fiz naquele momento, não tenho certeza se foi isso, mas vou chutar o que eu acho que poderia ter feito”.

Skinner (1953/2003) relata que em muitas pessoas, o relato pode ser emitido sem o autoconhecimento, ou seja, que o indivíduo pode não ser capaz de relatar o que fez, faz ou fará. Além disso, como em um contexto terapêutico, identificar as variáveis que controlam os comportamentos do seu cliente é o mais importante, os terapeutas acabam não se atentando ao seu próprio comportamento, visto que naquele ambiente não seria relevante (Skinner, 1953/2003).

Para além disso, outra variável que pode ter influenciado o comportamento dos participantes é que na condição de pergunta aberta as respostas eram “vagas”, visto que a pergunta era sempre a mesma “Nesse momento, o que você fez?”. Sendo assim, os participantes não recebiam na topografia da pergunta nenhum estímulo para suas respostas. Arantes e cols., (2012) explicam esse fato ao relatar que no campo das neurociências há uma discussão sobre a necessidade das “pistas de recuperação”. Dessa forma, é mais acessível se lembrar de perguntas e respostas de múltipla escolha, que se configuram como perguntas fechadas, do que perguntas e respostas dissertativas, que se configuram como perguntas abertas (Arantes & cols., 2012). Justifica-se assim a maior porcentagem de correspondência do comportamento dos participantes na condição de pergunta fechada, visto que a “pista de recuperação” está contida na própria pergunta, enquanto que na condição de pergunta aberta isso não acontece.

Segundo Sternberg (2016), existem dois tipos de tarefas destinadas para avaliação da memória, são elas as tarefas de reconhecimento e as tarefas de recordação. Nas tarefas de

reconhecimento, por exemplo, é apresentado uma lista de nomes para um participante e, em seguida, são apresentados nomes separadamente para que ele diga se este nome estava na lista ou não. Ou seja, é apresentado um estímulo, o que se assemelha a uma pergunta fechada, como por exemplo, a pergunta que foi feita no estudo “Nesse momento, você utilizou uma regra?”. Na tarefa de recordação, é apresentado ao participante uma lista de nomes e, em seguida, é solicitado que ele escreva todos os nomes que se lembrar de ter aparecido na lista. Ou seja, não há nenhum estímulo para o relato do participante, o que se assemelha a uma pergunta aberta, como por exemplo a pergunta que foi feita no estudo “Nesse momento o que você fez?”.

Sendo assim, Sternberg (2016), baseado nos estudos realizados, afirma que a memória de reconhecimento é mais eficaz do que a memória de recordação, o que pode justificar a maior porcentagem de distorções na condição de pergunta aberta de P1 e P2. Evento semelhante também ocorreu em Andrade (2011), visto que os participantes, na condição de PA, deveriam responder apenas qual era o valor de sua carta.

Além disso, sabe-se que os comportamentos dos indivíduos são influenciados por suas histórias individuais de reforçamento e punição, o que pode ter interferido na forma de se comportar de cada um dos participantes. Sendo assim, é relevante aplicar as condições normalmente utilizadas nos estudos de correspondência verbal, como por exemplo o reforço de relatos específicos, como em Souza e cols. (2014), Demoly (2016; 2018), Ferreira (2009), Antunes e Medeiros (2016) e Graziani (2014), mesmo que esse reforço programado não seja material. No presente estudo, não houve nenhum tipo de reforço nem punição para relatos correspondentes ou não dos terapeutas. Sendo assim, os comportamentos dos participantes não tiveram acesso a nenhum reforçamento para os relatos correspondentes, o que pode ter modelado o comportamento de continuar distorcendo. Sugere-se que para replicação haja alguma forma de reforço ou feedback para os comportamentos dos participantes.

Cada um dos participantes foi exposto a apenas duas sessões de entrevista para cada uma das condições, ou seja, um total de quatro sessões. Esse fato pode ter influenciado os resultados, ou seja, houve um empobrecimento dos dados, visto que talvez os participantes precisassem ser submetidos a cada uma das condições por mais vezes para que seus comportamentos ficassem sob controle das variáveis independentes. Inicialmente, foi proposto três terapeutas participantes para o estudo, todavia, devido ao tempo destinado à aprovação do Comitê de Ética e coleta dos dados, foi possível a participação apenas de dois terapeutas, o que diminuiu a amostra coletada. Além disso, houve duas faltas dos clientes e uma falta de um dos terapeutas, o que estendeu o tempo de coleta e rompeu com a periodicidade da coleta dos dados. Isto é, houve um intervalo maior do que uma semana, o que foi previamente estabelecido, entre uma sessão e outra.

Uma limitação do estudo que pode justificar a ausência de algumas categorias nas sessões (regra e pergunta “por que”), é que os terapeutas escolhidos para participação da pesquisa são estagiários de um projeto da clínica-escola na Análise do Comportamento baseado em uma vertente chamada de Psicologia Comportamental Pragmática – PCP. Segundo Medeiros e Medeiros (2012), a PCP é uma das propostas de intervenção clínica na Análise do Comportamento que busca ser menos diretiva do que as tradicionais abordagens de forma que o terapeutizando realize suas próprias análises funcionais até não precisar mais do terapeuta.

Sendo assim, é preferível que, na PCP, o terapeuta não emita regras ao seu terapeutizando, mas, que ele mesmo formule “regras mais precisas (úteis) nas descrições das contingências controladoras de seus comportamentos-alvo relatados” (Medeiros & Medeiros, 2012, p.423). Dessa forma, tanto em P1 quanto em P2, a categoria regra não pode ser contemplada nas condições de pergunta aberta, visto que, para os terapeutas, emitir regras

não era recomendável nessa abordagem. Além disso, o único momento em que uma regra foi emitida, aconteceu com P2, e na condição de pergunta fechada.

Além disso, a pergunta “por que” na PCP é evitada visto que no passado ela foi correlacionada à punição. Ou seja, se é uma pergunta que precede uma punição, na maioria das vezes, é provável que ela aumente a probabilidade dos comportamentos de fuga e esquiva, o que não é eficaz na terapia. Mesmo não sendo recomendada, a categoria “por que” surgiu em todas as sessões e em todas as condições com exceção de P2, que não emitiu a categoria na condição de pergunta aberta. Todavia, quando a categoria surgiu, esta teve alta porcentagem de correspondência na condição de pergunta fechada para P1 (83%) e baixa porcentagem de correspondência na condição de pergunta aberta (33%). Já para P2, quando a categoria surgiu na condição de pergunta fechada, esta teve baixa porcentagem de correspondência (33%).

Uma outra categoria não recomendada pela PCP é a pergunta fechada, visto que esta possibilita apenas duas respostas “sim” ou “não” e que a própria pergunta sinaliza na sua topografia qual resposta é mais provável de ser reforçada pelo ouvinte (Medeiros & Medeiros, 2011). Dessa forma, os participantes emitiram poucas vezes a categoria pergunta fechada e, quando questionados sobre a emissão das mesmas, apresentaram baixa correspondência verbal. Ou seja, relatar ter utilizado perguntas fechadas provavelmente traria a consequência de punição ao seu relato, visto que as perguntas abertas são preferíveis na PCP. Sugere-se que, para novos estudos na PCP, as categorias sejam escolhidas avaliando-se aquilo que é orientado pela abordagem para que todas as categorias possam ser contempladas ou que seja escolhido um estágio na Análise Comportamental cuja vertente não faça restrições como as feitas pela PCP.

Além disso, com base nos dados da Tabela 2, é possível observar que talvez os participantes não tenham conseguido diferenciar de forma eficaz uma pergunta aberta de uma

pergunta fechada. Com o exemplo dado “O que você faz precisa ser 100% certo?”, aparentemente, o participante pode ter entendido que o que ele fez foi uma pergunta aberta e não uma pergunta fechada. Ou seja, o treino de categorias que foi realizado antes do início das coletas dos dados pode ter falhado, incidindo na porcentagem de distorções quanto a categoria.

Ao contrário de Pinto (2007), o presente estudo utilizou dos relatos verbais para os terapeutas apenas de forma oral. Dessa forma, sugere-se que novos estudos sejam realizados reproduzindo ao terapeuta as falas a partir da gravação do áudio. Além disso, sugere-se que seja feita uma contextualização do conteúdo tratado na situação escolhida, visto que os participantes demonstraram muitas vezes não lembrarem nem qual era o assunto tratado, dificultando a lembrança da pergunta realizada.

A correspondência se faz importante no contexto clínico, pois a relação entre o psicólogo e o cliente, na maioria das vezes, acontece por meio de relatos verbais (Medeiros & Medeiros, 2016; Medeiros & Medeiros, 2018). Além disso, o ambiente terapêutico se aproxima do ambiente natural vivenciado pelo cliente, ou seja, possibilita que o terapeuta modele os comportamentos do seu cliente, criando condições para que esses comportamentos se generalizem para o ambiente fora do consultório psicológico (Oliveira, 2008). Dessa forma, o autoconhecimento do terapeuta a respeito daquilo que fez, faz ou fará com o seu cliente em contexto terapêutico pode aumentar a probabilidade de eficácia da terapia.

Isso acontece pois o autoconhecimento permite que o terapeuta consiga identificar as variáveis responsáveis por controlar o seu comportamento e isso aumenta a possibilidade de modificar determinados comportamentos (Falcão, 2011; Skinner, 1953/2003). Ou seja, é necessário que haja correspondência verbal entre aquilo que o terapeuta relata e aquilo que ele faz em sua atuação profissional. Para isso, recomenda-se que para replicação do estudo, após os terapeutas relatarem seus comportamentos, estes relatos sejam mostrados

originalmente através do áudio ou, que os mesmos recebam um feedback, para que possam modificar futuramente os comportamentos que não são recomendados pela PCP, como a pergunta fechada, a regra e a pergunta “por que”.

Ressalta-se que essa foi uma das primeiras tentativas de investigar o fenômeno da pergunta aberta e da pergunta fechada em um contexto clínico quanto ao relato verbal dos comportamentos do terapeuta. Mesmo que os dados não tenham sido conclusivos e que a hipótese de pesquisa não tenha sido confirmada, o estudo faz-se coerente para replicação desde que sejam realizadas modificações e aperfeiçoamentos metodológicos e procedimentais.

Capítulo 9. Conclusão

A presente pesquisa buscou investigar a correspondência verbal de terapeutas iniciantes em seu ambiente de trabalho com o intuito de expandir os estudos em Correspondência Verbal na Análise do Comportamento em contexto natural. Para isso, os dois participantes foram submetidos a quatro dias de experimento com duas condições experimentais: pergunta aberta e pergunta fechada. A análise dos dados foi feita através de gravações das sessões e entrevistas para comparação do comportamento de fazer e de dizer dos participantes.

A hipótese inicial de pesquisa, com base na literatura, foi de que os indivíduos emitiriam maior porcentagem de correspondência verbal na condição de pergunta aberta do que na condição de pergunta fechada. Isto é, devido ao custo de resposta na condição de pergunta aberta, haveria maior dificuldade em distorcer os relatos, visto que, na condição de pergunta fechada, é sinalizado ao indivíduo na topografia da pergunta qual relato é mais provável de ser reforçado.

Todavia, como observado ao longo do estudo, o objetivo de pesquisa foi atingido, porém os resultados não corroboraram os obtidos pelos estudos correlatos em correspondência verbal. Os participantes apresentaram maior porcentagem de relatos distorcidos na condição de pergunta aberta e não na condição de pergunta fechada. Além disso, devido a abordagem escolhida, algumas categorias não puderam ser contempladas visto que não eram recomendadas dentro da psicoterapia, empobrecendo os dados.

O tema de Correspondência Verbal deve ser amplamente estudado e pesquisado devido a sua relevância, não apenas para o âmbito clínico, mas para todos os contextos em que os profissionais de Psicologia se inserem. Ademais, o autoconhecimento permite que os indivíduos identifiquem as variáveis que controlam seus comportamentos, modificando-os caso necessário e aumentando seu repertório de comportamentos. Sendo assim, recomenda-se

que o presente estudo seja replicado considerando-se as alterações e sugestões necessárias e que novos estudos sejam realizados buscando o crescimento da área enquanto ciência e enquanto profissão.

Referências

- Andrade, C. M. R. Q. (2011). *O efeito de perguntas abertas e fechadas na correspondência verbal* (Monografia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Antunes, R. A. B. & Medeiros, C. A. (2016). Correspondência verbal em um jogo de cartas com crianças. *Acta Comportamentalia*, 24(1), 15-28.
- Arantes, A. K. L., Mello, E. L. de., & Domeniconi, C. (2012). Memória. Em Hubner, M. M. C. & Moreira, M. B. (Orgs). *Fundamentos de Psicologia: Temas Clássicos da Psicologia sob a Ótica da Análise do Comportamento* (pp. 56-73). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: comportamento, cultura e evolução*. (Traduzido por Silva, M. T. A.; Matos, M. A.; Tomanari, G. Y. & Tourinho, E. Z.). Porto Alegre: Artmed. (Obra originalmente publicada em 1994).
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. (Traduzido por Deisy das Graças de Souza, et al.) Porto Alegre: Artmed. (Obra originalmente publicada em 1998).
- Chiavenato, I. (2014). *Comportamento Organizacional: a dinâmica do sucesso das organizações*. Barueri: Manole.
- Coelho, C. R., Wechsler, A. M., & Amaral, V. L. R. do. (2008). Dizer e fazer: a prática de exercícios físicos em portadores de diabetes mellitus tipo 2. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 10(1), 29-38.
- Demoly, P. M. (2016). *Efeito de perguntas abertas e fechadas na correspondência verbal num jogo de cartas* (Monografia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Demoly, P. M. (2018). *Efeito do tipo de pergunta: Aberta ou fechada na correspondência verbal em um jogo de cartas* (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.

- Falcão, J. C. (2011). *O que faz o terapeuta analítico-comportamental no consultório?* (Monografia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Ferreira, J. V. (2009). *Correspondência fazer-dizer em crianças na resolução de operações matemáticas* (Monografia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Graziani, D. A. (2016). *Correspondência Fazer-Dizer no Seguimento de Regras Congruentes e Incongruentes* (Monografia). Centro Universitário de Brasília, Brasília, DF.
- Kazdin, A. E. & Nock, M. K. (2003). Delineating mechanisms of change in child and adolescent therapy: methodological issues and research recommendations. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 44(8), 1116-1129.
- Leme, R. C. & Pereira, M. E. M. (2012). Correspondência verbal: a relação entre os comportamentos verbal e não verbal de professores. *Acta Comportamental*, 20(1), 71-85.
- Medeiros, C. A. & Medeiros, N. N. F. A. de. (2012). Psicoterapia Comportamental Pragmática. Em Pessoa, C. V. B. B., Costa, C. E. & Benvenuti, M. F. (Orgs). *Comportamento em foco*, vol. 1, 417-436. São Paulo: ABPMC.
- Medeiros, C. A. (2013). Mentiras, Indiretas, Desculpas e Racionalizações: Manipulações e Imprecisões do Comportamento Verbal. Em Costa, C. E., Cançado, C. R. X., Zamignani, D. R. & Arrabal-Gil, S. R. S. (Orgs.). *Comportamento em Foco 2* (pp. 157-170). São Paulo: ABPMC.
- Medeiros, C. A. & Medeiros, N. N. F. A. (2016). Comportamento verbal nas relações amorosas. Em A. A. B. Varella (Org.). *Diálogos em Análise do Comportamento* (pp. 191-212). Campo Grande, MS: UCDB.
- Medeiros, N. N. F. A. & Medeiros, C. A. (2018). Correspondência verbal na Terapia Analítica Comportamental: Contribuições da pesquisa básica. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20(1), 40-57.

- Oliveira, W. de. (2008). *O que se faz e o que se diz: auto-relatos emitidos por terapeutas comportamentais* (Tese de Doutorado). PUC - Campinas, Campinas, SP.
- Pinto, M. G. de. A. (2007). *Um estudo sobre relações entre o dizer e o fazer: algumas variáveis que operam no controle do planejamento de sessões terapêuticas* (Dissertação de Mestrado). PUC – Campinas, Campinas, SP.
- Ramalho, N. V. R. & Pedroso, R. (2014). Correspondência entre o dizer e o fazer do comportamento do gestor. Em C. Vichi., E. Huziwara., H. Sadi., & L. Postalli (Orgs.). *Comportamento em Foco 3* (pp. 115-126). São Paulo: ABPMC.
- Ricci, L. S. V. & Pereira, M. E. M. (2006). Uma análise da relação entre o dizer e o fazer do professor. *Psicologia da Educação*, 23, 27-55.
- Skinner, B. F. (1953/2003). *Ciência e Comportamento Humano*. (J. C. Todorov & R. Azzi, Trads). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (1957/1978). *O Comportamento Verbal*. (M. P. Villalobos, Trad). São Paulo: Cultrix (Trabalho original publicado em 1957).
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o Behaviorismo*. (M. P. Villalobos, Trad). São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1974).
- Souza, R. S., Guimarães, S. S., Antunes, R. A. B. & Medeiros, C. A. (2014). Correspondência Verbal em um jogo de cartas: Perguntas abertas e fechadas. Em Borges, N., Aureliano, L., & Leonardi, J. L. (Orgs.). *Comportamento em Foco 4* (pp. 189-204). São Paulo: ABPMC.
- Sternberg, R. J. (2016). *Psicologia Cognitiva*. (M. F. da Costa, Trad). São Paulo: Cengage Learning.
- Teixeira Júnior, R. R., Souza, M. A. O., & Dias, M. F. (2005). *Vocabulário de Análise do Comportamento*. Santo André: ESETec.

- Vandenberghe, L. (1999). Uma abordagem contextual da supervisão clínica. Em R. A. Banaco (Org.). *Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (pp. 510-515). Santo André, SP: ARBytes.
- Zamignani, D. R. (2007). *O desenvolvimento de um sistema multidimensional para a categorização de comportamentos na interação terapêutica* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Zamignani, D. R. & Meyer, S. B. (2007). Comportamento verbal no contexto clínico: contribuições metodológicas a partir da análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 9(2), 241-259.
- Wechsler, A. M. & Amaral, V. L. R. do. (2009). Correspondência verbal: uma revisão da literatura. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11(2), 189-208.

Anexos

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Correspondência verbal na atuação profissional de terapeutas iniciantes: Efeito do tipo de pergunta

Pesquisador: Carlos Augusto de Medeiros

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 16095119.7.0000.0023

Instituição Proponente: Centro Universitário de Brasília - UNICEUB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.557.817

Apresentação do Projeto:

Nada há a acrescentar, com relação à apresentação do projeto constante da versão anterior: "A literatura mostra que a correspondência verbal ou a falta dela encontra-se presente nas diversas relações e nos diversos contextos de interações, sejam eles contextos mais sociais ou contextos mais profissionais, como as relações de trabalho. Dessa forma, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a correspondência verbal fazer-dizer de terapeutas analítico-comportamentais em sua atuação profissional a depender do tipo de pergunta. Para isso, participarão do estudo três estudantes de psicologia e três clientes que estão sendo atendidos por esses estudantes em uma clínica-escola de uma instituição de ensino superior particular do Distrito Federal. Serão gravadas quatro sessões de cada um dos terapeutas e posteriormente será verificada a correspondência verbal dos mesmos a respeito do seu comportamento no setting terapêutico. O presente estudo poderá contribuir para a atuação de profissionais em diversas áreas, principalmente a área da saúde. Os participantes terão a idade entre 20 e 40 anos, sendo de ambos os sexos. Deverão estar cursando o 9º ou o 10º semestre do curso de Psicologia. Os dados serão analisados através das gravações das sessões feita pelos terapeutas, e a pesquisadora ficará durante todo o atendimento, observando-o em uma sala de espelho própria para observações. Após a transcrição, a pesquisadora selecionará falas do cliente-terapeuta na sessão, que apresentem as categorias escolhidas para o estudo e, fará uma entrevista com o terapeuta, através de perguntas abertas e fechadas referentes ao comportamento do mesmo em atendimento, para cada uma das categorias

Endereço: SEPN 707/607 - Bloco B, sala B.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.700-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3066-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Continuação do Parecer: 3.557.817

observada”.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo primário, apresentado na primeira apresentação do projeto, foi “Investigar a correspondência verbal fazer-dizer de terapeutas analítico-comportamentais em sua atuação profissional a depender do tipo de pergunta”.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram apresentados os seguintes riscos e benefícios: “A pesquisa não traz nenhum risco aparente pela participação e não é dado nenhum benefício e nenhuma forma de pagamento para participar do estudo. Caso tenha alguma espécie de prejuízo os experimentadores se comprometem ressarcir os participantes”; benefícios: “O presente estudo poderá contribuir para maior profundidade nos conhecimentos dentro da Análise do Comportamento aplicada às organizações e à clínica. Além disso, contribuirá para verificar quais tipos de perguntas (abertas ou fechadas) são mais eficazes no contexto clínico, podendo se estender para outros contextos de interações sociais”.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresenta o objetivo primário, os riscos e benefícios (nesta versão reformulado), os critérios de Inclusão e a metodologia. Será financiada pelos pesquisadores, que possuem o currículo na Plataforma Lattes. A coleta de dados será realizada em conformidade com a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos, necessários à avaliação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa: a Folha de Rosto para pesquisa envolvendo seres humanos, assinada pelo coordenador do curso; e dois TCLE, um para o terapeuta analítico-comportamental e outro para o paciente, ambos apresentados de forma adequada; e o Termo de Anuência da coordenadora do CENFOR.

Recomendações:

O CEP-UNICEUB ressaltou a necessidade de desenvolvimento da pesquisa, de acordo com o protocolo avaliado e aprovado, bem como, atenção às diretrizes éticas nacionais quanto ao às Resoluções nº 446/12 e nº 510/16 CNS/MS concernentes às responsabilidades do pesquisador no desenvolvimento do projeto:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

Endereço: SEPN 707/607 - Bloco B, sala B.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3066-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 3.057.017

- I - apresentar o protocolo devidamente instruído ao sistema CEP/Conep, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, conforme definido em resolução específica de tipificação e gradação de risco;
- II - desenvolver o projeto conforme delineado;
- III - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- IV - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela Conep a qualquer momento; manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- V - encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto;
- VI - elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- VII - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança, interrupção ou a não publicação dos resultados.

Observação: Ao final da pesquisa enviar Relatório de Finalização da Pesquisa ao CEP. O envio de relatórios deverá ocorrer pela Plataforma Brasil, por meio de notificação de evento.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Na segunda versão as pendências foram sanadas, quais sejam:

- Quanto à falta o Termo de Anuência da coordenadora do CENFOR, este foi apresentado nesta versão;
- Quanto aos riscos mínimos que deveriam ser reelaborados, os mesmos, nesta versão, foram apresentados da seguinte forma: "Este estudo possui riscos mínimos, que dizem respeito ao conhecimento dos participantes sobre estarem sendo gravados. Esse fato pode afetar o comportamento dos mesmos. Caso tenha alguma espécie de prejuízo a experimentadora se compromete a ressarcir os participantes, Medidas preventivas serão tomadas durante como o Interrupção Imediata da atividade, para minimizar qualquer risco ou incômodo; Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo";
- Também, em relação à solicitação de que "será necessário explicar ao paciente, antes da aplicação do Instrumento, que o atendimento dele não será comprometido, caso o mesmo não consinta que a gravação seja realizada. Também, tal aspecto necessita estar bem claro no TCLE", nesta versão, esta parte assim foi descrita: "Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar; Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores do estudo".

Endereço: SEPN 70790-07 - Bloco B, sala B.205, 2º andar

Bairro: Setor Universitário

CEP: 70.790-075

UF: DF

Município: BRASÍLIA

Telefone: (61)3066-1511

E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB**



Continuação do Parecer: 3.557.017

- Por último, foi alegado ao pesquisador que "as gravações dizem respeito a um material extremamente sigiloso - a terapia (ao lado da coleta de dados da pesquisa)- e, portanto, o material advindo da mesma deverá ser guardado pelo orientador e não pelo pesquisador-aluno", ficando nesta versão assim redigido: "Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Carlos Augusto de Medeiros com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos".

Considerações Finais a critério do CEP:

Protocolo previamente avaliado, com parecer n. 3.504.022/19, tendo sido homologado na 14ª Reunião Ordinária do CEP-UNICEUB do ano, em 23 de agosto de 2019.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB INFORMações BÁSICAS_DO_P ROJETO_1357710.pdf | 05/08/2019 20:52:56 | | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Anuencia.pdf | 05/08/2019 20:52:24 | EMILLE MENDES DA SILVA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto.pdf | 05/08/2019 20:51:09 | EMILLE MENDES DA SILVA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE2.pdf | 05/08/2019 20:50:45 | EMILLE MENDES DA SILVA | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf | 05/08/2019 20:50:30 | EMILLE MENDES DA SILVA | Aceito |
| Folha de Rosto | folha.pdf | 19/06/2019 20:08:14 | EMILLE MENDES DA SILVA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: SEPN 707907 - Bloco E, sala E.205, 2º andar
 Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
 UF: DF Município: BRASÍLIA
 Telefone: (61)3066-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE
BRASÍLIA - UNICEUB



Continuação do Parecer: 3.557.817

BRASÍLIA, 05 de Setembro de 2019

Assinado por:
Marília de Queiroz Dias Jacome
(Coordenador(a))

Endereço: SEPN 707/607 - Bloco E, sala 6.205, 2ª andar
Bairro: Setor Universitário CEP: 70.790-075
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3086-1511 E-mail: cep.uniceub@uniceub.br

Anexo B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Terapeutas)

Comportamento Verbal em Terapeutas no Contexto de trabalho

Instituição dos/(as) pesquisadores(as): UniCEUB

Pesquisador(a) responsável: Carlos Augusto de Medeiros

Pesquisador(a) assistente: Emille Mendes da Silva

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas antes e após o estudo pertinentes à sua decisão de participar ou não do mesmo.

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar os relatos de terapeutas em sua atuação profissional.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por estar na faixa etária dos 20 aos 40 anos, ser estagiário do 9º ou 10º semestre do curso de Psicologia e por estar estagiando na clínica analítico comportamental.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em gravar suas sessões de psicoterapia em quatro dias diferentes e realizar uma entrevista em cada um dos dias, conforme as instruções dadas pela pesquisadora.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em um consultório da clínica-escola de um centro universitário em Brasília.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos, que dizem respeito ao conhecimento dos participantes sobre estarem sendo gravados. Esse fato pode alterar o comportamento dos mesmos. Caso tenha alguma espécie de prejuízo a experimentadora se compromete a ressarcir os participantes.
- Medidas preventivas serão tomadas durante como o interrompimento imediato da atividade, para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para maior profundidade nos conhecimentos dentro da Análise do Comportamento aplicada às organizações e à clínica.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores do estudo.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Carlos Augusto de Medeiros com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e

arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.

- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

Carlos Augusto de Medeiros, telefone: 996487874 e-mail: carlos.medeiros@uniceub.br

Emille Mendes da Silva, telefone: 30424904 e-mail: emillemendess@hotmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Endereço: SEPN 707/907- Campus do UniCEUB, Campus Asa Norte-Bloco 3- Térreo

Bairro: Asa Norte – Brasília- DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1305

Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Clientes)

Comportamento Verbal em Terapeutas no Contexto de trabalho

Instituição dos/(as) pesquisadores(as): UniCEUB

Pesquisador(a) responsável: Carlos Augusto de Medeiros

Pesquisador(a) assistente: Emille Mendes da Silva

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará prejuízo.

O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma cópia do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas antes e após o estudo pertinentes à sua decisão de participar ou não do mesmo.

Natureza e objetivos do estudo

- O objetivo específico deste estudo é investigar os relatos de terapeutas em sua atuação profissional.
- Você está sendo convidado a participar exatamente por estar sendo atendido no Cenfor na Atividade de Estágio denominada: Psicoterapia Comportamental Adulto.

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em autorizar a gravação de suas sessões de psicoterapia em quatro dias diferentes.
- Não haverá nenhuma outra forma de envolvimento ou comprometimento neste estudo.
- A pesquisa será realizada em um consultório da clínica-escola de um centro universitário em Brasília.
- A participação no estudo não implicará em diferenças quanto ao seu tratamento.

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos, que dizem respeito ao conhecimento dos participantes sobre estarem sendo gravados. Esse fato pode alterar o comportamento dos mesmos. Caso tenha alguma espécie de prejuízo a experimentadora se compromete a ressarcir os participantes.
- Medidas preventivas serão tomadas durante como o interrompimento imediato da atividade, para minimizar qualquer risco ou incômodo.
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir para maior profundidade nos conhecimentos dentro da Análise do Comportamento no contexto organizacional e clínico.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com o seu terapeuta.
- Não haverá nenhum comprometimento ao seu tratamento caso não consinta com a gravação das quatro sessões.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.

- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Carlos Augusto de Medeiros com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.
- É importante ressaltar que o foco desse estudo é a conduta do terapeuta e não a sua, sendo os seus comportamentos apenas um contexto para as investigações feitas acerca dos comportamentos do terapeuta.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966.1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Eu, _____ RG _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Este Termo de Consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a).

Brasília, ____ de _____ de _____.

Participante

Carlos Augusto de Medeiros, telefone: 996487874 e-mail: carlos.medeiros@uniceub.br

Emille Mendes da Silva, telefone: 30424904 e-mail: emillemendess@hotmail.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa (OBRIGATÓRIO):

Instituição: Centro Universitário de Brasília (UniCEUB)

Endereço: SEPN 707/907- Campus do UniCEUB, Campus Asa Norte-Bloco 3- Térreo

Bairro: Asa Norte – Brasília- DF

CEP: 70790-075

Telefones p/contato: (61) 3966-1305

Anexo D- Simulação de Atendimento Clínico

Legenda:

C: cliente

T: terapeuta

C: Nessa semana eu consegui cantar em público no louvor da minha igreja.

T: E como você se sentiu ao cantar em público, Maria?

C: Ah, fiquei muito ansiosa e minha mão começou a suar. Mas depois que comecei fui me acalmando e foi incrível.

T: Incrível?

C: Sim. Foi como se por um momento eu pudesse ser eu mesma.

T: Que ótimo Maria! Você está no caminho certo, pois se não for você mesma não poderá ser feliz.

C: Silêncio

T: Em que outras situações você se sentiu assim?

C: Acredito que quando apresentei um trabalho na faculdade, na disciplina de Direito Penal. Eu tinha que defender o réu e me senti muito bem fazendo aquilo. Mas, as pessoas ficaram me olhando fixamente e o logo a sensação boa passou e minha ansiedade atacou novamente?

T: E você terminou a apresentação?

C: Sim, terminei.

T: Isso quer dizer que mesmo com a ansiedade você conseguiu fazer algo que deixou bem.

C: Mas quando finalizou a apresentação corri ao banheiro e comecei a chorar desesperadamente.

T: Por que do choro?

C: Porque comecei a me sentir exposta e com a sensação de que as pessoas estavam rindo de mim ali na frente.

T: Você teve medo. E os medos precisam ser enfrentados para que você aprenda a viver e se arriscar mesmo com eles.

C: Mas como posso fazer isso se a minha mente me impede de terminar aquilo que começo?

T: O que você acha que poderia fazer?